

ANO IV - N.º 168

3

AGOSTO

1944

PREÇO AVULSO

ESC. 1\$50

Casou-se a vedeta de Rádio

MARIA SIDONIO!



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

As esquinas de Lisboa

LISBOA é a cidade dos pasmados. Por qualquer borbórinho de soa-lheiro, o povoletu aglomera-se, de nariz no ar, como se houvesse competição pirotécnica ou exhibição de rancho folclórico. Ainda ninguém explicou onde nos veio este hábito. A mania de abrir a boca por «ad cá aquela palha» ou por alarido de língua em português vernáculo, enraizou-se na nossa gente, que já ninguém sabe se isso é um dever da constituição política ou uma contagiosa epidemia incurável que se apossou do cidadão português.

É interessante frisar que a natureza do nosso clima favorece essa paucidade. Temos muito sol, muito calor — e preguiça. Lisboa é uma cidade de esquinas — de repouso.

Certa vez lembrou-se até à Câmara a conveniência de mandar os empreiteiros desocupados estudar um vasto plano de aproveitamento das esquinas. Assim, poderia a edilidade auferir compensadores lucros se por todas as esquinas elegantes do Chiado, rua do Ouro e Augusta — não falando nas zonas que vão dos Restauradores à Rotunda — mandasse colocar uns banquinhos ou «maples», a tanto a hora. Do mesmo modo poderia levar-se esse requinte de conforto ao ponto de servirem-se refrescos e água das Pedras, paltios de «la ratnes» ou as autênticas queijadas de Sintra. A cidade teria outro aspecto... Desapareceriam esses guardiões enfadados, esses leais servidores camarários que sabem polir as paredes, por empregada diária, sem receberem vintém do orçamento da edilidade. Ainda há dias a chaminé do Hotel Borges dettovo fumo demasiado. Eram sete horas e o Chiado ia na maré cheia: costureiras e empregadas de bazar, toda essa mocidade que trabalha e que deixa, ao passar, um rasto de alegria — a alegria que pode haver nos vinte anos, que é sempre um clarão de esperanças. Começavam a parar na rua e a olhar para cima. O fumo, o cheiro a resina e a lenha queimada invadia os ares. Grossos raios, levados pelo vento, quasi sufocavam — e, já muitos, num alvoroço, gritavam que era fogo. A «Brasileira», numa alta medida previdente, encerrou, pelas mãos do popular «João Franco», as portas envidraçadas. Do Ramiro Leão, em frente, duas senhoras assustadíssimas viam já, claramente, as labaredas, e apontavam para cima horrorizadas. O povo, na rua, aos magotes, comentava. Só afinal, no hotel, onde o fogo deveria lavar impetuosamente, de janelas abertas, ninguém «ava por isso». Um sujeito resolutivo, homem de acção, quis partir o vidro e tirar a chave, como mandam os bombeiros, mas não valia a pena porque, no Rossio, já se ouviam as sirenes das bombas. O fumo cada vez era mais. O trânsito interrompera-se. No «hall» do hotel dois ingleses, de cachimbo, bem sentados, pediam a um criado nova garrafa de «whisky». Esta serenidade exaltou um cavalheiro, que queria ver os hóspedes a saltarem pela janela fora em trajes menores.

Do Governo Civil, um pelotão de polícia veio manter a ordem. E diante de milhares de pessoas os bombeiros retiraram-se sem que tivessem gasto um pingo de água. A fumarada era da chaminé — e a culpa seria do jantar que estava atrasado. Ora isto serve, até certo ponto, para se ver como se forma o exército dos basbaques. Bastou que dois olhassem para cima, para que meia dúzia fizesse o mesmo. E, numa ordem crescente, o Chiado encheu-se de gente. Já uma vez, no Rossio, um gato, que estava numa varanda, junto duma gaiola que, piedosa e graciosamente, tinha um alegre canário enclausurado, fez parar o trânsito. Do Carmo, alvorçado, saiu um esquadrão de cavalaria — e as ambulâncias dos Voluntários, sem saberem ao certo do que se tratava, vieram por aí abaixo de escanilhado. Um sujeito engraçado atirou com uma pedra ao felino — e partiu a cabeça a um descuido transparente. Duas senhoras, no ajuntamento, deram por falta das malas e gritaram esta frase tão corriqueira em Lisboa, que já é clássica: «Estamos roubadas!».

O gato foi enxotado da varanda — o canário continuou no seu triste exílio a alegrar os donos da casa — e o povoletu debandou, sempre arreliado pelo tempo que tinha perdido. Esta manifestação de basbaque deve, de facto, interessar aos psicólogos. Há qualquer coisa no «meio» que interessa reconhecer. Há os que param porque lhes interessa que os outros parem também. São os cartelistas, os gatunos de esticão, toda essa fauna elegante que costuma veranear na Penitenciária e nas Mónicas, e que sem gente de boca aberta não se pode governar. Há os que param sem saber porquê. São os mandrões e os vadios que, desocupados, gostam de estorvar os outros nos seus afazeres. E, por fim, os curiosos. Esses, então, podem estar cheios de pressa, terem no Cais do Sodré o último barco para Cacilhas já a apitar, que dali ninguém os leva sem verem tudo tim-tim por tim-tim.

E assim, com estes engraçados elementos, que Lisboa é uma grande cidade... de basbaques.

MANUEL MARTINHO

Quando o mar bate nas rochas...

(foto João Martins)



Quando Adelina Patti cantou em Lisboa...

EM 1855 era empresário do S. Carlos, Campos Valdez, um homem que conhecia, naquele tempo, as maiores notabilidades da arte e do canto. Arrojado, enfrentando os maiores obstáculos, teve sensação, no nosso meio, o convite que ele dirigiu à grande diva Adelina Patti, que todo o mundo admirava.

O êxito foi estrondoso. Basta dizer-se que tendo sido anunciadas as recitas com dois meses de antecedência, logo todas as assinaturas foram tomadas — eram cinco — apesar dos preços serem elevadíssimos. Para que se faça uma pequena idéia da soma exorbitante que Campos Valdez, empresário de S. Carlos, pedia por cada bilhete bastará dizer que as frisas eram vendidas a 150\$00; camarotes, a 105\$00; na segunda ordem, a 105\$00; terceira, 75\$00; as torrinhãs a 45\$00 e cadelras 22\$50. A própria geral custava 12\$50 — isto, claro, em 1855, quasi há cem anos. Pode-se calcular, por estes preços, qual a fama de que vinha precedida a gloriosa artista. Já a casa estava toda passada para as cinco noites, quando se soube que Patti recusava a sua vinda a Lisboa, alegando que a cólera, então dizimando a população em Espanha, a forçava a vir pelo mar — e ela, caprichosamente, não gostava de andar sobre as águas...

Levantou-se um corpo de protestos. Porém, a cólera desapareceu de Espanha, e a diva chegou a Lisboa a 25 de Março de 1886, indo ocupar uns esplêndidos aposentos no Hotel Mata, que era na Avenida.

Na primeira noite da sua exibição, com o teatro cheio dum público entusiasmadíssimo cantou o «Barbeiro de Sevilha», «As valsas da Dinorah» e o «Beljo». Patti recebeu, no seu camarim, as melhores flôres que havia em Lisboa. Depois, de sucesso em sucesso, interpretou a «Lúcia de Lammermoor», a «Traviata», a «Carmen».

Adelina Patti, porém, não colheu simpatias da aristocracia. Fazia uma vida isolada — e pouco se importava com a gente de haveres, mais lhe agradando os humildes, que dela se abelravam. Era seu secretário particular J. Schurmann, valdoso, que desejava à viva força ser condecorado com o hábito do Cristo, êle que não tinha outros méritos que mexer em papéis e assinar, com ordem da diva, contratos. A côrte convidou a gloriosa artista para dar um recital. Recusou, caprichosa como sempre. E deu brado quando se soube que tinha aceitado o jantar oferecido por Júlio César Machado, o malogrado escritor, cuja vida foi bem desventurosa.

Eduardo de Noronha fala assim, a propósito da grande diva:

«Enviando do tenor Nicolini, a 3 de Janeiro de 1898, tornou a casar no mesmo ano, porque não podia passar sem esposa, com um fidalgo sueco, residente em Inglaterra, barão Olaf Rudolfo Cederstrom, director de um instituto de cultura física, em Brecknoch, perto do seu palácio de Coraig-y-Nos. Andava então pelos seus cinquenta e seis anos; o terceiro marido tinha 28 anos.

Desde esse casamento, abandonou por completo a cena, mas nunca renunciou, por completo, à sua arte. Apesar da sua idade, cantava em benefício de caridade, em Inglaterra, no decorrer do primeiro ano da conflagração (1914). Com ela desapareceu uma das incontestáveis glórias do teatro lírico.

Nos últimos anos da sua vida, fundou um hospital — e tornou-se desvelada protectora dos pobres. Quando do saia à rua quasi toda a gente se descobria, num murmúrio de respeito e admiração. Os seus passatempos favoritos eram a caça e a pesca.

Quando cantava, recebia 25.000 francos.

Rossini foi dos maiores amigos da diva. Vistava-a sem ser anunciado. Se chegava à sala e não a encontrava, ia junto do piano — e aí tocava a velha canção francesa «J'ai du bon



tabac dans ma trahitère». Patti, assim que ouvia as primeiras notas corria iogo a receber o grande músico. Uma noite, Patti cantava o «Barbeiro de Sevilha». O teatro inteiro parecia desabar com palmas. O palco encheu-se de flôres. Era uma noite de glória. Toda a assistência queria testemunhar o aprêço em que tinha as suas grandes qualidades artísticas. Adelina reparou que na primeira fila um espectador dormia, a sono sóto. Nem os aplausos o acordaram. Ferida nos seus brios, agarrou no maior ramo que tinha à mão e arremeçou-o, com ímpeto. Rossini, que estava perto, disse-lhe ao ouvido: «Dormir também é uma opinião!».

As jóias da gloriosa artista faziam furor, pois possuía os maiores brilhantes. Era muito exigente na questão do pagamento. Só entrava no palco quando já tinha, em seu poder, o dinheiro do contracto. O seu secretário tinha a incumbência de vigiar o empresário para esse fim. Só começava a vestir-se quando lhe pagavam os honorários.

A sua voz será ouvida em 2008, em discos que ficarão guardados, durante um século, nos subterrâneos da Grande Ópera de Paris!

UM PEQUENO INQUÉRITO Qual é a primeira...

Entramos no café Lisboa. E a ponto de reinido dos artistas. Estavam, entre outras, a Hermínia Santos Carvalho e o aplaudido sionista «Ferus», que explicou a uns amigos como fazia desapercecer daí a pouco as chávemas e café sem pagar vintém. Graziela Mendes, a novel cantadeira, que veio de corista para o teatro, fez entusiasmada, com o «Britinho», conhecido poeta e escritor teatral.

É insinuante, adelgacada, cheia de vida o seu corpo flexível de dançarina. Preguntamos-lhe à que ma-roupa: «Qual é a primeira coisa que faz mal abre os olhos?».

Graziela hesita. Fica mesmo surpreendida. Por fim, levantando os ombros, num gesto que tem sabor a «fado», atirou:

— Quer crer? Nunca repenti. Desconfio que a primeira coisa que faço quando abro os olhos — é voltar-me para o outro lado. Porque não sou dessas pessoas que se levantam ao primeiro descumprimento das pálpebras. Só quando sinto que o sono já está vencido é que me levanto — para fazer as coisas que a minha vida de artista reclama.

FAÇO GINÁSTICA RESPIRATORIA

O dr. Alvaro Gaspar Dias é um clínico que não precisa de adjetivos. Vinham a descer a Avenida — quando o encontramos a tomar o fresco, na esplanada, bebendo qualquer coisa.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Eu bem sei que não é agora altura de uma realização como esta que proponho: a electrificação da linha de Sintra. Sem dúvida, empresa de tanta monta só pode ser levada a efeito depois da guerra. A verdade, porém, é que já antes deste conflito a antiga linha existia e, que me conste, ninguém pensava na sua electrificação. E, no entanto, quantos benefícios não seriam concedidos a todos aqueles pequenos aglomerados, se um transporte rápido e asseado fosse assegurado a quem resolve deixar Lisboa por um dia ou por uns meses.

Quere um exemplo? No domingo passado, dia de enorme calor, deu-me na cabeça para ir até Sintra com a família! As senhoras que me acompanhavam iam de vestidos claros, como o tempo require. Pois, não lhe digo nada, sr. redactor: quando regressaram a casa, à 1 hora, pareciam carvoeiros, e eu próprio não me pude furtar a umas enferruscadelas, como atestado de presença no comboio... Isto, porém, não é tudo: a certa altura, alguém que viajava na plataforma — os comboios, mesmo assim andam «à cunha», e isto é que deve meter no comodismo a Companhia... — gritava aflito: «Ai o meu rico fado!».

Uma faúlha colara-se, de facto,

UM PEQUENO INQUÉRITO a coisa que faz, mal abre os olhos?

— Diga-nos, doutor, de manhã quando acordar, qual é a primeira coisa que faz? O facultativo tem um olhar desconfiado. Julga que é «blague» — ou brincadeira alegre.

Explicamos que é um inquérito. Então percebe — e responde:

— Por muito estranho que possa parecer, devo pertencer ao grupo daquelas pessoas que mal acordam sentem a necessidade de atirarem, num repêlão, a roupa da cama e, imediatamente, fazerem qualquer coisa. A inércia que o sono produz no organismo — dando-lhe o merecido descanso, excitou os sentidos. É assim que, imediatamente — e isto há 25 anos — a primeira coisa que, espontânea, me assalta, é o desejo de respirar fundo e estender os músculos. Por isso, todas as manhãs faço esses dez minutos de ginástica respiratória e bebo um copo de água pura. Só depois me lavo — e arranjo boa disposição para fazer, como sabe, esta vida intensa de 7 horas de trabalho.

MAL ACORDO, CANTO!

Amália Rodrigues — a criadora de grandes êxitos — vinha do Apolo, ao lado da irmã. É difícil encontrá-la, mas quando às vezes não se espera aparece mesmo. Foi o caso que já tínhamos corrido o «Negresco», o «Machado» e o próprio «Mesquita», onde, em ameno ambiente fadístico, se costuma cantar o fado. De De Amália, nada. Afinal, apareceu assim de surpresa, quasi num choque, quando ela, na rua da Palma, fazia sinal a um «táxi».

— Quando acordo — diz-nos Amália, a

ao casaco de brim e lá assinalara com um buraco a passagem para o fôrro...

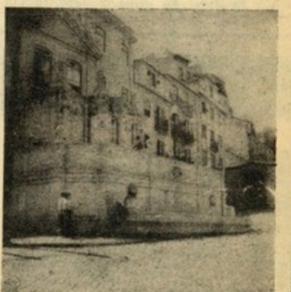
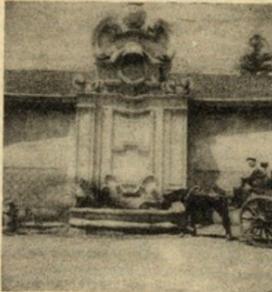
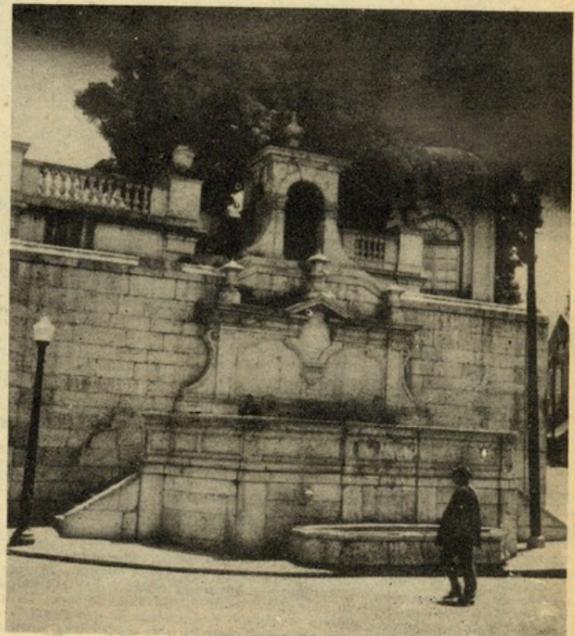
Enfim, tudo isto é muito desagradável e podia ser modificado. E o pior é que, enquanto o não for — e o caso é importante — Sintra não passará de terra sertaneja onde só chegam os ricos com automóvel ou os remediados que se sujeitam a uma viagem mais do que incómoda — de más conseqüências materiais.

Sintra, uma grande e bonita vila, cheia de tradições e de condições para interessar no presente, ficará sujeita a uma vida mesquinha, se os turistas e veraneantes não ficarem libertos daquele túnel horripilante e daquelas faúlhas trágicas. A electrificação da linha impõe-se. Sei de muito boa gente, com casa em Mem Martins e na Amadora, por exemplo, que deixaram as casas e propriedades que ali ocupavam todo o ano, por estar fartos do túnel, das faúlhas, do lixo e do vagar do comboio.

Quando a linha for electrificada, tenho a certeza de que não haverá comboios que cheguem — como acontece na linha do Estoril — porque Lisboa se precipitará nas matas frondosas do Parque Municipal e das Merendas. Então, haverá por Sintra, espalhados, «bars» cómodos, ao ar livre, com música e refrescos, criados atenciosos e um mundo elegante que quere refrescar-se. Porque a frescura dos Parques de Sintra não deve ser só os que gostam de andar em mangas de camisa...

UM LISBOETA AMIGO DE SINTRA.

LISBOETA VAI À FONTE...



LISBOA já não sofre daquelas longas secas que a levavam a palmitar os arredores à procura de água ou a pagar por bom preço os barris ao aguadeiro. A talha passou, praticamente, a ser um objecto inútil debalto da torneira da cozinha, porque a Companhia se compromete a fornecer, pelo menos, os cinco metros de água — sem falhas nem secas, excepto se há desarranjo nos canos. Por isso, também, os chafarizes de Lisboa quasi sempre deturaram a sua função pública de fornecer água para uso caseiro. Em todo o caso — oh! incoerente século XXI! — como nem todas as casas oferecem aos pobres a comodidade da torneira da cozinha, a Lisboa sem os benefícios do nosso tempo vai à fonte encher o cântaro de água. E, ainda, porque quem passa na rua e porque bichos de carga têm sede, os chafarizes da nossa cidade são de utilidade pública, hoje como há 800 anos e mais. Porque há em Lisboa chafarizes mais velhos do que Portugal: os dos mouros e romanos. Depois, os reis seguíram-lhes os exemplos e mandaram construir fontes magníficas, como esse chafariz d'El-Rei. Porque sempre, como hoje, a fonte pública foi um bem para quem passa e quem fica...

(Fotos SERÓDIO)

Ao som dos canhões...

A O tempo em que nos jornais ingleses se percebia a inquietação com que todos pretendiam deitar-se a adivinhar o verdadeiro carácter, profundidade, extensão e sentido do episódio de 20 de Julho, ocorrido no Quartel General itinerante do chanceler alemão, os próprios deputados provocavam nos Comuns uma intervenção do sr. Eden, que pôde apenas pronunciar palavras de moderação, de expectativa, de deitar água na fervura dos entusiasmos. A avaliar pelo que chegou a escrever-se nalguns jornais e a dizer-se nalgumas rádio-estações da coligação anti-alemã, o movimento contra Hitler tinha atingido um ponto de extrema gravidade, com propósitos que estariam longe de caber na feição que lhe davam as vagas informações oficiais. Efectivamente, nos primeiros dias, mais não houve para o estrangeiro, expedidos de Berlim, que os textos de algumas proclamações, primeiro de Hitler, depois do marechal Goering e do grande almirante Doenitz; depois de Guderian e de alguns outros generais em exercício de comando. Falou-se concretamente de «conspiração de generais», disse-se que os responsáveis foram executados, mas de nomes, a principio, não se deu mais que o do coronel conde Stauffenberg, o portador da bomba, que, segundo o relato fornecido dias depois pelo dr. Goebbels, se fez transportar a Berlim, em avião especial, para transmitir o boato de que o Führer tinha sido morto durante o atentado. A falsa informação não deu, em toda a sua medida, o resultado previsto pelos conjurados, mas, ainda assim, houve tropa na rua, houve uma zona de Berlim cercada — a «Bendler Strasse», ainda segundo o relatório de Goebbels — e isto deu origem ao volume de boatos que se espalharam pelo mundo e que em Londres — «facile credimus quod volumus» — assumiram particular retumbância. Mas o sr. Eden advertia:

— Lamento muito, mas o Governo não dispõe de informações que possam confirmar as versões que circulam por toda a parte...
E acrescentava que o Governo, na sua retinida, decidira recomendar a maior prudência no comentário do acontecimento.

A prudência de quem, por officio toma à sua guarda o maneio dos cordeiros diplomáticos não pode, evidentemente, harmonizar-se com a febril imaginação de elementos cuja responsabilidade não vai além de si mesmo. Daí, a reserva do secretário do «Foreign Office», num momento em que, por muito forte que seja a voz dos canhões, bem se percebe que por trás dela se jogam, por via diplomática, algumas das mais decisivas cartadas. Há, com efeito, uma longa série de problemas em suspensão e bastará recordar-se o seu enunciado para se dar conta da sua alta importância: na Europa, a ocidente, há a situação do «comité» de Argel perante cada uma das três grandes potências coligadas para a viagem recente de De Gaulle a Washington pode ter contribuído para esclarecer mas que não deixou ainda resolver, numa altura em que já se esclarece que não deusse a ser zona controlada pelas Nações Unidas; o caso italiano é outro aspecto complexo, com a confusão natural da partilha de poder entre o governo nacional e o comando estrangeiro dos exércitos combatentes, com as próprias divisões dos dirigentes italianos, confusos de vinte anos de ostracismo e inquietos sobre as suas próprias directrices; no leste europeu, de sul para o norte, há as dificuldades internas dos gregos, as semelhantes dos jugoslavos, atenuadas pelo bom senso do croata Subasic, que conseguiu estabelecer um compromisso entre os conselheiros do jovem rei Pedro e o comando efectivo da organização chefiada por Tito; há a questão polaca, que se prolonga meses e meses, com o governo imigrado em Londres contestado pelo «Comité» instituído no território polaco controlado agora pelos russos, questão de uma complexidade e de uma acuidade tão evidentes como o sr. Eden o reconheceu, dada a intinência de Varsóvia ser abrangida na zona de batalha; na América, a questão da Argentina toma aspecto assás confuso, com o apelo de Cordell Hull para que se não dê ao regime Farrell-Peron a garantia do reconhecimento, problema que pode parecer tipicamente e panolocalizadamente americano, mas cuja projecção é evidente sobre o panorama geral das preocupações diplomáticas de todas as nações em guerra. E Washington sente a necessidade moral de agir «vite et forte» — segundo a fórmula célebre de Daladier — não digam de cá o «ora it tēm...» como réplica às censuras que sempre os americanos dirigiram à Europa — «continte tontos»... — pela sua incapacidade, constantemente revelada, para um entendimento total, metódico, coordenado e proveitoso.

Não falemos, já, de fronteiras da Europa! Cada um terá na algebeira, para a hora própria, o seu projecto de mapa geométricamente esquadri-nhado. Mas, até lá, contentemo-nos em pôr os problemas do momento — que já não são poucos nem fáceis de resolver...
J. R. S.



Vista aérea de Tóquio, o alvo dos americanos em 1942.

Quando os americanos foram a Tóquio...

FOI a 18 de Abril de 1943 — exactamente um ano depois do primeiro «raid» americano sobre Tóquio — que o Presidente Roosevelt fez declarações, a propósito da acção que tanto havia intrigado os japoneses.

Mais tarde, o Departamento da Guerra dos Estados Unidos acrescentava alguns curiosos esclarecimentos às palavras do Presidente e que vale a pena transcrever:

«Os aparelhos que bombardearam Tóquio e outras cidades japonesas em 18 de Abril de 1942, eram bombardeiros médios «Mitchell» B. 25, e que, sob o comando pessoal do comandante Doolittle, partiram do porta-aviões «Hornet» — baptizado, depois, «Shangri-La» e destruído a 26 de Outubro do mesmo ano, na batalha das ilhas de Santa Cruz.

Os preparativos deste «raid» foram feitos já em Janeiro, tendo Doolittle escolhido as tripulações respectivas. Vinte e quatro aviadores e dezasseis aparelhos tomaram parte nesta expedição. Segundo a ordem recebida, os aviadores deviam aterrar na China, sobre determinados aeródromos. Mas, à excepção dos de um aparelho, os aviadores tiveram que fazer uma aterragem forçada ou saltar em «para-queadas» — porque o porta-aviões, donde haviam levantado voo, não estava a 400 milhas de Tóquio, como fora primeiramente estabelecido — mas a 800, porque as forças navais americanas de protecção foram por sua vez dispersas pelos japoneses. Enfim, de uma totalidade de 80 homens, uma equipagem de cinco ficou internada na Rússia, depois de uma aterragem forçada na Sibéria, oito foram prisioneiros pelos japoneses, dois regressaram feridos, um morreu e os 64 restantes foram recolhidos pelos chineses».

Estas são, em resumo, as últimas informações fornecidas pelos americanos sobre o «raid» que deixou perplexo o mundo inteiro.

Quanto ao resto — sabe-se perfeitamente: o mar estava bravo, o vento soprava e Doolittle chegou a

recear pelo êxito da sua empresa — muito mais psicológico do que material, aliás.

A primeira vez que o general Doolittle tentou voar, eram 8 horas e 25 minutos da manhã. Ia seguido de outros aviadores, sendo que cada bombardeiro, transportando cinco homens, dispunha de 500 toneladas. Quanto à odisséia destes homens que aterraram na China, foi dramática e, ao mesmo tempo, romanesca. Alguns deles, munidos de guarda-chuvas, oferecidos pelos indígenas, foram ter rapidamente aos aquartelamentos, enquanto outros vaguearam semanas para descobrir Chung-King, ficando ainda outros pelas cavernas à espera de socorros. Finalmente, depois de muitos reünidos e submetidos a um período de repouso na China, os americanos regressaram ao seu país.

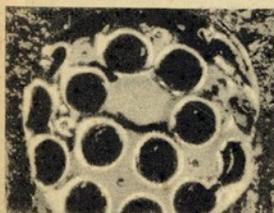
Nem todos, porém, tiveram a sua sorte. Os que caíram nas mãos dos japoneses foram executados — o que levou o Presidente Roosevelt a formular protesto enérgico — não só contra as execuções mas, também, contra a acusação de Tóquio, a respeito do tratamento que os americanos dariam aos prisioneiros de guerra — como se tivessem incorrido em crime de direito comum. O Governo de Washington, numa nota datada de 12 de Abril, respondia a Tóquio, negando tal acusação e perguntando pela sorte dos seus aviadores. E o Governo japonês respondeu em nota simplesmente: «uma proclamação de 13 de Outubro de 1942 condena à morte os aviadores estrangeiros culpados de actos deshumanos, como os ataques aéreos».

Segundo essa mesma nota, os americanos não haviam atacado objectivos militares mas hospitais, escolas, civis e, principalmente, crianças que brincavam no pátio de um colégio. «E nenhum inimigo, responsável de actos deshumanos voluntários pode ficar imunizado, unicamente porque usa um uniforme militar».

A discussão do caso para depois da guerra, não trará suas vantagens?

SUÉCIA

Bombas que veem do céu



A 13 de Julho passado, a Suécia pagou mais uma vez um tributo de sangue que não devia a ninguém: o seu solo, como o seu céu, foi violado pelos contendedores e algumas vítimas se registaram em Kalmar, em cujo solo foram esborrachar-se as bombas voadoras alemãs, dirigidas por meio de ondas hertzianas contra a Inglaterra. Segundo as declarações suecas, estas bombas atingem uma velocidade de 850 quilómetros por hora.

Damos, na foto, uma ideia do que são essas novas armas, invento cego e diabólico que não poupa nada nem ninguém, porque é um monstro autómático, como afinal, mais ou menos, o são todos os instrumentos de guerra.

Recentemente, o rei Gustavo da Suécia e o Presidente da República federativa da Suíça falaram ao seu povo numa linguagem de inquietação que não deve andar longe da verdade: a guerra para os neutros e, em especial, para a Suécia e para a Suíça, pode ainda trazer muitas surpresas, porque as suas posições geográficas não são invulneráveis como as suas políticas de neutralidade.

Em clima, vemos a parte trazeira da bomba, com as cavidades onde são fixados os fusis. Em baixo, a foto dá-nos a bomba vista de lado.



ESTADOS UNIDOS

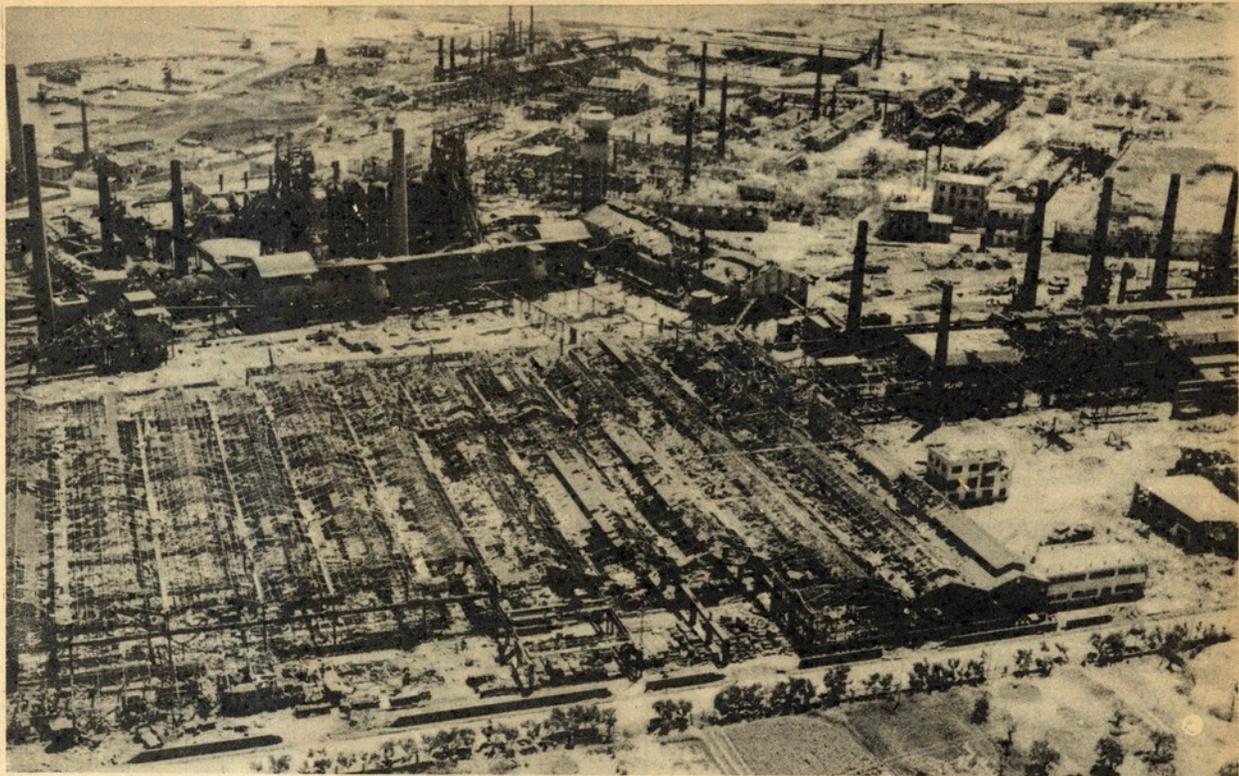
Uma mulher deputada

MEUS senhores, minhas senhoras, temos o prazer de lhes apresentar Mrs. Mariana Mac Gregor.

Naturalmente, não sabem quem é. Pois nós explicamos: é a viúva do tenente-coronel John Payne e é a primeira viúva desta guerra que resolveu apresentar-se a concurso na arena política. Seu marido, filho de um professor universitário, foi uma das primeiras vítimas, incluídas nos contingentes que desembarcaram no Mediterrâneo. Hoje, um dos maiores aeródromos do Cairo tem o seu nome — nome que a viúva Mac Gregor Payne, de 29 anos, acaba de invocar, anunciando-se candidata a deputada à Câmara dos Representantes pelo Texas. Mrs. Mariana Payne que ficou com uma filhinha de cinco anos, começou já a aprender direito e, segundo as melhores informações,

não houve até hoje nenhum americano que cometesse a deslealdade de se opor à sua candidatura.





De Piombino, o pequeno porto italiano, não resta mais que isto...

A CAMPANHA DA ITALIA

ITALIA.

NA frente italiana, continua a manifestar-se a boa estratégia dos Aliados. Ainda no número passado, nestas páginas, se faziam algumas perguntas que quedam sem respostas até ao momento e que envolvem a bem dizer, o mistério da acção de Kesselring, ultimamente ferido na frente de combate. A retirada alemã, um instante suspensa, principalmente na parte central, graças ao apoio do lago Trasimène, voltou a acentuar-se de modo surpreendente — e convincente, de facto, quanto à energia do ataque aliado.

O que vai ser, pois, a batalha da linha gótica, estabelecida, segundo tudo faz supor, pela defesa alemã, esboça-se desde já, diante da cruzeta da luta que está a travar-se. A batalha pela posse de Florença — não obstante os alemães a terem declarado cidade aberta — pode dizer-se que se aproxima do fim.

Entretanto, os dramas, a luta, tudo o que é tragédia, morte e fome perpassa no écran das reportagens, dos comunicados oficiais, dos comentários técnicos, das notícias efervescentes dos correspondentes de guerra. Com a avalanche dos fotografos, dos cineastas, dos repórteres, segue, porém, a massa rolante da guerra — os aviões, os veículos pesados, os semeadores da morte e das ruínas, que matam e destroem, em nome da civilização e da felicidade dos homens!

Poucas vezes a luta na Europa se terá rodeado de tanta ruína, de tanta e tão negra derrocada como em Itália, a dos monumentos, a da arte, a do sarcófago histórico de muitas civilizações. Monte Cassino ficará como uma legenda da barbarie desta guerra; Piombino também. Damos na foto que encima este pequeno artigo um aspecto do que resta do magnífico porto, reduzido a ruínas, com as casas sem telhas e as ruas devastadas até aos seus alicerces, depois dos martelamentos nocturnos da «Royal Air Forces».

Os jornais franceses vêm chelos desses relatos e mostram-nos, com uma realidade conflagradora, o que tem sido a luta em Itália, pela posse gradual de uma nação que foi para a guerra sem querer e se retirou da luta para continuar a subir o seu calvário.

Qual será, já agora, o grande objectivo dos soldados do 5.º exército inglês, do 8.º americano, ao lado das restantes forças aliadas?

Livorno surge em letras grandes no mapa — mas para lá das frentes de batalha. E Pisa, como Florença, esbatem-se já na penumbra das operações concluídas, não obstante a luta ter sido dura. E que a psicologia do soldado assemelha-se à do leitor: o acontecimento do dia varre-

-lhe da ideia a existência de outras lutas já vividas.

A multiplicação dos campos de minas e dos «blockaus» as instalações de baterias de artilharia e o envio de reforços alemães — não do Norte mas do oeste — tudo isto tornou difícil a marcha para a cabeça da Itália.

Ao longo do Adriático a acção dos alemães não tem sido menos estorvada pelo ímpeto dos anglo-polacos

que, com o 8.º exército, estão agora empenhados na conquista do que resta tomar na rica planície do Pó.

E, assim, depois da queda de Roma dos Papas, virá a Florença dos príncipes e Mecenas, com o seu palácio Pitti, o Museu Nacional, o claustro de São Marco e os seus quadros magníficos.

Terão os soldados anglo-americanos, tripulantes dos «jeeps» fumegantes, tempo e sensibilidade para se deter diante do «Concerto de Giorione, os «anjos» de Fra-Angélico, os Rafael, os frescos de Ghirlandajo, os «Amores de Donatello» e David de Verrocchio?

Pouco menos de metade da Itália está ainda por conquistar. As tropas invasoras mal têm tempo para vencer as distâncias que as separam dos grandes objectivos. Como será possível pensar em arte, sentir a arte, no meio de filas intermináveis de camiões que rolam sem cessar pelas estradas esburacadas?

As «salagartas» ondulam, as enormes peças de artilharia arrastam-se pesadamente. E essa ramagem, esse desfile dantesco segue para cima, para o norte, sempre para o norte, onde há uma cidadezinha que se chama Verona, na margem de um lago azul, onde o fascismo montou o seu último reduto...

O génio, ao serviço de uma engenharia toda prática, ergue pontes, tapa buracos no leito das estradas, conserta casas e veículos, caça «minas» e supre todas as faltas que o inimigo na retirada produziu. Agora, é uma numerosa companhia de paráquedistas alemães que lança um contra-ataque, da montanha, para logo retirar — protegendo assim, e acesso do grosso de tropas. Quando os Aliados vão espetar a lança num uniforme inimigo — sentem que estão em presença de um «bluff» — porque saber fludir é tão fundamental como saber vencer. E as tropas americanas, desembarcadas na Normandia, fizeram escola: os aviões não se lançaram de lançar os bonecos sobre os quais os alemães gastaram inutilmente munições...

A caravana segue, pois. Os Aliados não podem, não querem deter-se. É preciso que o inimigo não tenha tempo de se reorganizar quando aqui ou ali é desorganizado.

E mais sempre nessa corrida para o norte, o desfile dantesco continua. Até quando? Até onde?

ALEMANHA

O explosivo mais perigoso

OS engenheiros químicos alemães acabam de ultimar as experiências de um novo invento. Trata-se de um explosivo, considerado o mais mortífero e poderoso. Introduzido nos obuses de grosso calibre, é capaz de destruir os mais resistentes materiais. Em ensaios realizados sobre fortificações de betão, verificou-se que este fende, produzindo-lhe brechas com um metro de profundidade, considerando-se, portanto, a sua potência superior à dos explosivos empregados nas bombas e nos torpedos aéreos — segundo, é claro, informam os alemães.

O ministro da Produção do Reich, assistiu, há pouco, às primeiras experiências.

— É talvez, o mais extraordinário invento desta guerra — disse Speer aos jornalistas, depois de observar os efeitos da explosão e escutar as explicações dos técnicos.

O ruído produzido pela deflagração do obus foi, pela primeira vez na história da química de guerra, registado através de microfones.



De Piombino, o pequeno porto italiano, não resta mais que isto...

TREGNOS DUM ARTIGO CURIOSO...

Hollywood é um refúgio de piratas!

por William Powell



A H! Vocês querem que eu fale de Hollywood? Muito bem! Falarei. Mas aviso-os de que certamente a minha conversação não será muito agradável. Há alguns dias revolvia um montão de livros velhos e encontrei um que falava dum dos meus homônimos, um certo Thomas Powell, um jovem auidaz que foi pirata na famosa tripulação do capitão Charles Harris, e esse possível antepassado fascinou-me por completo. Foi capturado com as mãos cheias do sangue de marinheiros reais e meteram-no na prisão de Newport, aos 21 anos de idade.

A força de pensar no jovem Thomas Powell passei a outras considerações. Perguntei a mim mesmo quantos habitantes de Hollywood teriam a honra de possuir homônimos da classe do meu, tão gloriosos como o meu antepassado, personagens que tivessem sulcado os mares, num torvelinho de fogo e de morte.

Eis alguma coisa do que descobri...

Para me vingar dos fastidiosos aborrecimentos que me tem proporcionado esse velho Frank Morgan, passei uma vista de olhos sobre a sua árvore genealógica. Os Morgan, piratas, recompensaram-me do meu trabalho. Há piratas desse nome, de centenas. Seria impossível que todos eles tivessem escutado à força. O mais ilustre dos irmãos da Costa do Ouro chamava-se Henry Morgan. Morreu em 1688. Ah! E morreu na fôrca...

Um tal coronel Blendy Morgan comandava a retaguarda de Henry Morgan depois da captura do Panamá. Outro capitão Morgan combateu em Hambim em 1683. Também morreu enforcado!

Gary Cooper, ao saber dos brilhantes precedentes já anotados, ficou fúto de inveja e não o acalmel sendo conseguindo demonstrar-lhe que tinha uma série gloriosa de antepassados: o capitão Cooper, chefe do navio pirata «Vagabundo Nocturno», em 1725, e um outro capitão Cooper que, com uma fragata de 100 canhões, em 1669, roubou mais de 100 quintais de prata e ouro procedente do Mézico.

Pobre rei de Espanhal...

Quando a Clarence Brown, pessoa suficientemente tranqüila (sempre que não está filmando, bem entendido), se se sentasse durante alguns dias e se dedicasse às leituras, ficaria intratado de coisas muito interessantes... Houve quatro capitães Brown: um morreu lutando contra os navios espanhóis, e o segundo enforcado em Newport, em 1723...

Outros homônimos:

Para Noel Coward:—William Coward que, em 1689, com três dos seus homens, se apoderou das autoridades de Boston, sendo preso mais tarde.

Para Bette Davis:—o capitão Edward Davis, pirata que assaltou e incendiou numerosas cidades no período de 1862 a 1702. Há ainda o capitão Howell Davis que foi preso num saque e massacrado, mas que antes de morrer teve tempo para matar dois homens...

Para Oliver Hardy:—Richard Hardy, da tripulação do «Barco Fantasma», capturado na África Ocidental em 1870.

Para Jeanette Mac Donald:—Marck Donald, da tripulação do capitão Lother. Os livros dizem que etc... gostava muito de cantar!

Para Nelson Eddy:—William Eddy, de Aberden. Foi enforcado em West Point.

Para Robert Taylor:—O famoso capitão Taylor, que infestou os mares do sul.

Para Maureen O'Sullivan:—Lord O'Sullivan, amigo notório dos piratas ingleses. Até nisso ela teve sorte: um «lord» pirata...

Aquí termina a minha investigação sobre os membros da sociedade de Hollywood que têm personagens tenebrosos no passado. Agora estou a iniciar novos trabalhos a respeito de outras árvores genealógicas, mas desta vez será sobre os que tiveram antepassados cobreadores de impostos.

Animais pitorescos

Parecem dois mochos, não é verdade? Pois é apenas um mocho... O outro animalzinho não passa dum borboleta «Tecolota», cuja semelhança com o mocho é quasi perfeita...



Operado a 3.000 metros de altura

HÁ coisas que parecem milagres e são absolutamente verdadeiras.

Eis uma história verídica e quasi inacreditável.

De volta dum ascensão ao Monte Branco, três pessoas foram surpreendidas por um deslocamento de terra, de tal modo violento que um dos alpinistas se viu projectado dentro dum gruta, sofrendo na queda uma gravíssima fractura de crâneo.

Por acaso providencial, lá com os alpinistas o famoso cirurgião Genebrino De Guy que mandou transportar o ferido para outra gruta mais abrigada onde fez uma tentativa extrema para lhe salvar a vida.

Sem qualquer anestésico, à luz dum lampada de petróleo e usando instrumentos rudimentaríssimos o De Guy conseguiu, talvez, a sua maior prodigiosa cura, operando com êxito absoluto, um homem a três mil e quinhentos e um metros acima do nível do mar.



É SEMPRE O PRIMEIRO!

IGOR Sikorsky construiu o primeiro aeroplano multimotor, o primeiro anfíbio e o primeiro «Clipper» oceânico. Agora, para ser o primeiro de novo, apresentou o «helicopter», que considera o meio de navegação aérea no futuro.

Esta ânsia de ser o primeiro vem de longe. Em 1908, na Rússia, Igor Sikorsky construiu o primeiro avião de ascensão vertical. E, desde aí, por toda a parte, e finalmente na América, Sikorsky não tem perdido o seu posto genial.

O MAIOR GALINHEIRO DO MUNDO...

EXISTE em Miami, no Estado da Flórida, América do Norte, um galinheiro que custou um milhão de dólares. Este grandioso edifício não foi construído com o fim propriamente de ser um galinheiro. Eis como se passaram as coisas. O edifício em questão estava destinado a ser o melhor hotel de Miami. Mas enquanto uma depressão de capitais afectava a construção do hotel, quando ainda não concluído, a prosperidade favorecia a certos comerciantes de aves domésticas. O inacabado edifício do hotel foi adquirido em leilão pelos avicultores, que ali alojaram sessenta mil galinhas constituindo, assim, o maior galinheiro do mundo.

Bem se diz que o bocado está guardado para quem o há-de comer...

J MUSEU MAIS ANTIGO DO MUNDO

ENCONTRA-SE em Nasa, pequena cidade japonesa, o mais antigo museu do mundo. Fundado em 756 — haverá dentro em pouco 12 séculos — este venerável decano abriga no seu seio as mais completas colecções mineralógicas, botânicas e etnográficas. Amostras de todas as madeiras indígenas; um riquíssimo herbário, objectos de arte, produtos da indústria japonesa, datando do século VIII; porcelanas, tecidos, bronzes, esmaltes, utensílios de teçagem, de tudo existe ainda neste velho museu. Afim de evitar que as trepidações frequentes do solo façam cair em poeira sétes frágeis vestígios do passado, o acesso ao Museu é absolutamente interdito aos visitantes. Mas na primavera de cada ano uma comissão imperial vem proceder ao exame das colecções e decide medidas necessárias à sua conservação.

Só na ocasião desta visita alguns privilegiados são admitidos a penetrar, na ponta dos pés, neste venerável santuário científico.

A FILOSOFIA DO ESPIRO!

O conhecido Frank Mc Hugh ensina-nos a filosofia do espirito em seis graciosas imagens. Vejamos:



1 — Aí vem êle, o maldito...



2 — Vamos a ver se não espirra...



3 — Parece que passou...



4 — Alto!... Aí vem êle, de novo...



5 — E pronto... «Santinho!».



6 — Enfim...

A TERRA VOMITA FOGO

À medida que se caminha para o interior da Terra, descendo, por exemplo, a uma mina, constata-se uma elevação de temperatura. Chama-se *grau geotérmico* a distância vertical que é necessário descer, para se verificar um aumento de temperatura dum grau centígrado. O valor do grau geotérmico é, em média, de 40 metros. Por isso, tem de se admitir que a uma profundidade de 80 quilómetros todas as matérias estão em estado de fusão. A crosta terrestre sólida não deve ir além dos 100 quilómetros. A esta profundidade, encontra-se uma camada de rochas em fusão, o *magma*, cuja temperatura é superior a 2.000 graus, e que pode atravessar a crosta terrestre sólida aproveitando as fendas que ela apresenta. Tal é a mais aceitável origem dos fenómenos vulcânicos.

A forma cônica dum vulcão é devida à acumulação dos materiais expelidos durante as erupções. Se a lava é muito fluida, o vulcão tem a forma dum cone muito abatedo, e a emissão da lava não é acompanhada de explosões; é o caso dos vulcões das ilhas Hawai. Se a lava é viscosa, solidifica-se antes de ser expelida e tapa a chaminé de saída. Simultaneamente, o vulcão vomita gases, e estes gases vão-se acumulando debaixo das «rolhas» de lava solidificada que obstruem as chaminés. Daqui a origem de explosões muito violentas, acompanhadas de pulverizações de substâncias vulcânicas, o que explica a existência de chuvas de cinzas.

A actividade dum vulcão passa alternativamente por períodos de tranquilidade e de paroxismos. O Vesúvio não era considerado, na antiguidade, como um vulcão; só no ano 79 da nossa era entrou em actividade, sepultando as cidades de Herculano e Pompeia. A recente erupção, que os documentários cinematográficos puseram ante os olhos de todos, foi uma das mais violentas dos últimos cem anos.

Para que uma erupção tenha consequências trágicas é necessário que as lavas sejam pouco fluidas. Só assim se produzem explosões desastrosas, capazes de despedaçar inteiramente uma montanha vulcânica, espalhando os destroços por uma área de centenas de quilómetros. Em Agosto de 1883, uma destas explosões vulcânicas fez ir pelos ares uma grande parte da ilha de Krakatoa. Houve 40.000 vítimas, e no Inverno desse ano ainda havia cinzas no ar que chegavam a Paris, a milhares de quilómetros de distância de Krakatoa.

OS COMETAS ESTÃO INOCENTES

AS histórias trágicas sobre cometas vêm desde muito longe. Quando após a morte de César, séculos antes de Cristo nascer, apareceu um cometa, os romanos julgaram que fosse a alma metamorfoseada do imperador. Em 1456, um grande cometa infundiu o pavor do fim do mundo às multidões mergulhadas na ignorância e na crençecia. Quando em 1910 o cometa Halley apareceu pela última vez, o povo sentiu-se aterrado e chegou a fugir para os campos.

Mas que há nos pobres cometas para assim suceder? Um cometa típico é composto por três partes: núcleo, cabeça e cauda. A cabeça apresenta-se como uma luz difusa, tendo no centro uma parte brilhante que é o núcleo; depois, segue-se a cauda, nem sempre visível. A cauda é a parte mais conhecida de todos, quando se fala em cometas; é a mais volumosa e a menos maciça do todo, a ponto de se dizer que se poderia juntar toda a matéria da cauda numa pasta, e transportá-la. Pelo contrário, o núcleo é mais denso; calcula-se que o núcleo do cometa Halley pesa 30 milhões de toneladas.

Para acentuar a inocência dos cometas, diga-se que seriam necessários 2 quadrilhões (um 2 seguido de quinze zeros) de cometas, para fazer um planeta como a Terra; por outro lado, os cometas viajam a milhares de quilómetros distantes de nós.

Os cometas não andam ao acaso, mas têm percursos bem fixados, à volta do Sol, tal como a Terra. Só há a notar que a Terra descreve uma órbita semelhante à circunferência e os cometas descrevem órbitas alongadas. Uns cometas fazem viagens relativamente curtas, voltando a ser visíveis cedo, como o cometa Encke cujo circuito se completa em pouco mais de 3 anos; outros demoram mais, como o cometa Halley, visto pela última vez em 1910 e que só voltará em 1985, ou com o grande cometa Donati, visto em 1858, e só esperado de novo no ano 4.000. No caso de cometas com órbitas alongadas, cujo percurso demora milhares de anos a realizar, não admira nada que dum momento para o outro surja um cometa inesperado, e talvez já mais visto por olhos humanos. Mas nada de sustos...

CIÊNCIA ELEMENTAR

Histórias singulares sobre a digestão

VARIAS espécies de animais inferiores, como os moluscos, possuem, na sua própria saliva, um fermento capaz de dissolver a celulose. Outros (por exemplo as larvas das batatas), não estão munidos de um fermento próprio, nem sequer de bactérias que decomponham a celulose. Por isso, aproveitam muito mal os alimentos. Unicamente as poucas células vegetais que lhes casualmente partem ao cortar a planta são adaptáveis aos sucos digestivos. Assim se explica que as lagartas comam muito, causando tantos prejuízos.

No que respeita aos dentes, esta idéia traz ligada a da bôca. No entanto, a carpa tem os seus dentes mesmo no esfôgado, e o caranguejo tem-nos até no estômago.

A idéia dos dentes arrasta ainda outra: esta dos animais detentores tem aparelho digestivo mais forte. Contudo, não têm dentes e trituram melhor os seus alimentos do que os homens. Isto já foi descoberto há mais de 200 anos por alguns cientistas que procuravam saber se a digestão dos grãos ingeridos pelas aves se realizava por processos químicos ou mecânicos.

Para resolverem a questão, os cientistas conseguiram que algumas galinhas engolissem contos de vidro, cujos furos estavam cheios de grãos. Esperavam que estes, com a digestão mecânica, se conservassem, mas com a digestão química se modificassem. Porém, ficaram admirados ao verificar que não só os grãos alimentares como a conta de vidro haviam desaparecido: a moela da galinha tinha-os reduzido a pó!

Este estômago mastigador das aves é forrado, interiormente, por uma pele resistente e circundado de tão fortes músculos que o conteúdo fica triturado como entre duas mãos de moinho. Às vezes, aumentam a eficiência muscular, engolindo areia e pequenas pedras.

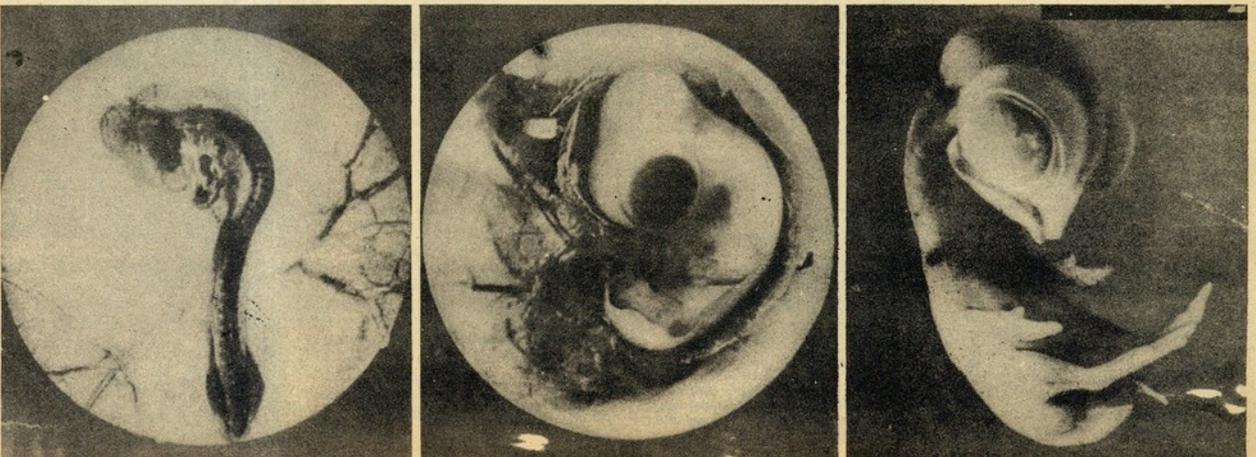
Também é possível chegar-se ao mesmo resultado sem o auxílio de dentes ou de estômagos privilegiados, ainda que se trate de triturar a concha de um molusco.

Neste particular, apresenta-se como exemplo a astéria ou «estrêla do mar», de aparência tão inofensiva, mas, de facto, um perigoso saltador para as ostras. Quando tem fome, prende a ostra pelos dois lados e procura abrir-lhe a concha com seus braços ou raios. O molusco fecha a casca que lhe serve de defesa; a «estrêla do mar» esforça-se por abri-la. A ostra é mais forte, mas a «estrêla do mar» revela maior persistência. Ao cabo de uns 15 ou 30 minutos, a ostra cansa-se e abre-se. Então, está perdida. A astéria não consegue trincar as partes moles da presa nem engoli-la toda. Mas não se perturba por isso. Inverte o estômago e derrama o suco gástrico sobre a carne do molusco. E temo, deste modo, uma digestão fora do corpo. Dentro de poucas horas, a «estrêla do mar» pode sorver o conteúdo da concha, já liqüefeita pela acção do referido suco gástrico.

Tal digestão extra-organismo não é rara. Quando uma aranha apanha uma mosca, mata-a com o seu veneno. Depois, por meio de sucessivas picadas, infiltra no corpo da vítima uma parte da sua saliva. Esta liqüefaz os músculos e todos os outros tecidos da mosca na parte interna do seu duro e inassimilável invólucro. A aranha, depois de certo espaço de tempo, pode sorver todo o conteúdo. Verifica-se facilmente isto ao observar, neste caso, a carcaça vazia do insecto.

Estes poucos exemplos só podem dar uma pálida idéia sobre as múltiplas e variadas formas pelas quais se alimentam os indivíduos do reino animal. Por mais complexos que sejam tais métodos, convergem todos para o mesmo fim: reduzir os alimentos, por efeito de fermentos, a alimentos assimiláveis, os quais, absorvidos pela parede intestinal, são aproveitados para os seus diferentes fins. Quer o animal se sirva de fermentos seus ou de estranhos, quer os empregue no intestino ou fora do seu organismo, esta possibilidade e milhares de outras não passam de simples modalidades do caso geral.

Aqui temos três fotos raras sobre o desenvolvimento dum pintinho. Desde as primeiras horas da incubação até ao momento do pinto sair da casca há uma evolução simultaneamente complexa e grandiosa! Dia a dia, hora a hora, o que era um simples ponto começa a tomar forma, sempre seguindo um plano metódico. Tecido após tecido, órgão após órgão, a diferenciação vai-se realizando. O que sucede com o pinto sucede com a elaboração dum ser humano.



Para quando, a Cinelândia?

A NUNCIASE, para breve, a construção de uma nova casa de cinema, ali para os lados do Saldanha. Felizmente, há quem se abalance a uma empresa que tem todas as razões para se tornar cada vez mais próspera, e que é essa mesma, a da exploração cinematográfica. Mais cinemas e cada vez melhores — é uma legenda «slogans» que se não afugira simpática. E tão simpática, que só lamentamos não haver homens capazes de pensar e sentir o mesmo, em relação ao nosso teatro: fazer mais casas de espectáculos, melhorar as suas condições. Como o Rio de Janeiro, como Nova-York, Lisboa podia ter também o seu centro de diversões — a sua Broadway... E, para tanto, lá tínhamos aquele grande quadrilátero, que vai do Parque Mayer ao Nacional, passando pela rua Eugénio dos Santos, para incluir o Coliseu, o Politeama e o Condes. Pois bem: nesse espaço que é grande e constitui o coração da capital, cabia muito bem o cinema que vai ser construído no Saldanha e, ainda, mais uma casa de teatro. Bastaria que se aproveitasse o antigo hotel de Inglaterra, aquela grande manarracho que a Câmara condenou em parte mas que, mesmo depois da amputação prevista, ainda ficaria com espaço para um cinema e uma pequena «boite» teatral.

Naturalmente que não advogáramos para ali a construção de um barracão popular, à maneira dos do Parque: cada qual com sua função. Mas uma pequena casa de espectáculos, sem camarotes e torrinhãs, com ar condicionado, poltronas cómodas e um palco susceptível de qualquer moderna realização — supomos ser um bem que ainda não temos. Na verdade, Lisboa que quer modernizar-se e poderia, dentro em breve — durante a reorganização do mundo actual, no após guerra — ser um centro artístico e literário da Europa martirizada, não tem um teatro moderno, um palco giratório que permita uma grande montagem e uma rápida mutação de quadros.

A trilogia «Electra e os fantasmas» que, numa noite, levou perto de sete horas a representar, apresentou-se em Londres num pequeno espaço de tempo: quatro horas, sem fadiga nem saturação.

Por que não há de Lisboa ter, pois, o seu palco giratório? E por que não havemos de pensar na nossa Cinelândia, na nossa Broadway, no nosso centro de diversões, ali aos Restauradores, com fachadas de teatros e cinemas a brilhar na noite escura, com esplanadas no Verdo a funcionar por aquela Avenida Avimeia?

A nossa cidade merece-o. O público também — um público que sabe apreciar os bons «fauteuils» nas casas de cinema e que raras vezes encontra nos teatros; esse público que sabe existir no estrangeiro uma temperatura doce nas casas de espectáculos durante o Inverno e fresca durante o Verdo; esse público que não encontra novidade nos pratos que lhe servem, quando sabe que lá fora tudo é melhor e diferente...

Depois, em Portugal ainda há o clássico e burguês sistema de exploração: a superior, os «fauteuils» as poltronas, a geral...

Sabe o público e sabem as empresas que lá fora — até mesmo no Brasil e há muitos anos — já se não constroem casas de espectáculos para uma visão tão acanhada de exploração?

As melhores, as mais lucrosas casas de cinema e de teatro, com paredes forradas de alto a baixo por espelhos e tubos de «neon» dando o espectáculo dos seus fantásticos efeitos coloridos, antes do pano subir — aboliram a etiqueta das classes: há só um preço para todos — e todos vão ao teatro ou ao cinema, sem camarotes nem frisas, nem geral...

Por que não havemos, pois, de experimentar? Por que não havemos de estabelecer para as nossas casas de espectáculo um preço único?

E por que não há de aparecer capitais para transformar a esquina da rua 1.ª de Dezembro num grande centro de arte e cultura, construindo ali uma casa que comporte um teatro pequeno e um cinema grande?

A ideia aqui fica. Se alguém a aproveitar — não pedimos nada pelos direitos de autor...

Lá como cá?...

LUIZ Molero Massa, um jovem, discutido, consagrado e talentoso autor espanhol — que, por tudo isto, ainda não foi vertido para português... — fez, há pouco, algumas curiosas declarações a uma revista espanhola. Eis o que, em síntese, disse ao jornalista o autor de «Una mujer muy Siglo XX», representada por Prendas y Carlos Lemos, quando lhe foi perguntado se havia crise de teatro em Espanha:

— O teatro está em crise porque não se renovaram... os empresários. O público não está de acordo com as antigas normas teatrais e quer peças do nosso tempo. Isto e a dispersão de primeiros valores em companhias sem categoria no conjunto, são as duas razões de angústia teatral. Mas o teatro não pode morrer...»

E nós aqui a aplaudirmos o Torrado e o Arniches, convencidos de que eram os salvadores do teatro em Espanha... Se calhar matam-no lá e cá...

O inteligente intercâmbio dos empresários teatrais, hein?

As três pancadas

Quem foi ao Gândsio há-de ter reparado: as primeiras sensações agradáveis, aquelas que perduram e se fixam em nós, dão-no-la a montagem da peça, os cenários feitos sobre «maquetas» de Graziella Savio.

Que frescura e sobriedade, ali naqueles dois actos de «A Malvada», não é verdade?

* O que é a peça não vale a pena dizer-se. Todos sabem que, para Brunilde e Alves da Costa não há peças más. São dois artistas de categoria que o público aprecia e estima e que é capaz de ir ver, mesmo que a peça não interesse e os artistas que os acompanhem nem sempre tenham asas para lhes seguir os vãos...

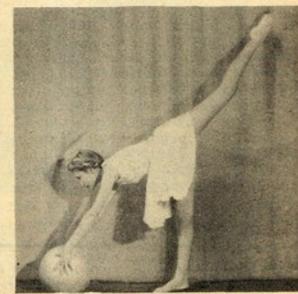
* O ilogismo nas peças ilógicas será admissível? A nós parece-nos que não. A lógica do absurdo não é uma teoria infundamentada. Por isso não compreendemos situações como aquela de um senhor que está à beira da ruína, vai para uma recepção em casa do amigo fazer a «fita» de nem sequer ir para o salão de chá e espera ali, a pé-firme, o telegrama importantíssimo que vai comunicar-lhe a derrota e a ruína. É preciso que o actor seja já um Alves da Costa para se salvar da situação tão airosoamente, como daquela vez em que vai contar diante dos patrões a história absurda do cheque que arranco ao bôlso do deshonesto procurador...

* Enfim, estamos diante de um mau espectáculo? Talvez, se o considerarmos do ponto de vista dos actores que o representam. Brunilde, tão esbelta, tão talentosa e tão artista tem estôfo para muito e muito mais e Alves da Costa é capaz de a acompanhar. Mas, se compararmos «A Malvada» à maioria das peças que por aí se têm representado e estão mesmo em cena — não há dúvida de que estamos em presença de um espectáculo a todos os títulos recomendável. O público deve ir ao Gândsio, sim, senhores.

A DANÇA, ESCOLA DE MOVIMENTO E GRACA

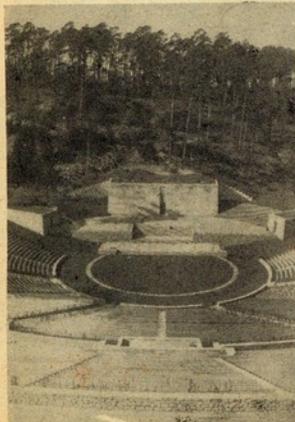
POR que será que a dança não tem grandes cultores em Portugal, um país de tradições bailarísticas, onde até os reis vinham folgar com o povo para a rua? Essa arte que gozou de tanto prestígio entre nós e que tem na gente simples da rua tão fundas raízes de simpatia, não merece, de facto, entre nós, os disvelos, o carinho e o prestígio que lhe cumprem. Temos, é certo, uma excelente tentativa de escola nesse já magnífico conjunto que é o «Verde Galo» dirigido por Francis. Mas, se como realização de espectáculo este conjunto logrou atingir alto nível — como escola pode dizer-se que não representa nada, se partirmos do princípio de que «O Verde Galo» não dispõe de fundos necessários para pagar, com carácter permanente, aos artistas que o compõem e que só uns tempos antes da sua apresentação regressam a um exercício intenso. Possuímos, por outro lado, a escola de dança do Conservatório que — valha a verdade que se diga — não tem apresentado grandes revelações artísticas nem bons métodos de ensino. E temos, finalmente, alguns cursos de carácter particular, onde a nossa juventude aprende, pela dança, a graça dos movimentos e adquire uma correcção de linhas físicas — e por que não psicológicas? — que nenhuma outra arte é capaz de conceder.

Se toda a gente dançasse — não essas danças loucas dos salões de baile mas a dança rítmica dos clássicos — talvez o mundo fosse melhor e adquirisse uma repercussão de beleza que infelizmente lhe falta. Para tanto, não seria preciso muito: bastaria que, como esta pequena Raquel de Carvalho Monteiro, que vemos aqui no bailado de fantasia «Mon désir», — a mocidade fosse capaz de aprender pela dança essa soma de graça que a bicicleta, a bola, o «swing» e outras coisas em moda nem sempre lhes podem dar...



Teatro ao ar livre A ESTREIA DA SEMANA

Quando terá Lisboa um recinto para espectáculos, igual a este de Berlim, tão conhecido de todos os turistas portugueses que frequentavam as Olimpíadas? Na Alemanha, o teatro ao ar livre instituiu-se para evitar a interrupção de espectáculos durante o verdo. Nós aqui, vamos mesmo para o fórn das nossas casas de teatro. Já é espírito de sacrifício e amor à arte...



SE Rui Correia Leite não tivesse obtido êxito desusado entre nós, com a «Raça!» talvez não tivesse empresário que lhe representasse esta peça «O Jogo das escondidas». Porque é má? Porque é mal feita?

Nada disso. Porque é uma peçazinha simples, engraçada e os nossos empresários acreditam que só interessam os originais que fazem rir até rebentar os bordos do coléte ou chorar até às lágrimas. Ora, a peça de Rui Correia Leite está-se nas tintas... meias...

Bem haja, pois, António Lopes Ribeiro que pôs o «Jogo das escondidas». O público também se riu, um autor português subiu mais um degrau e recebe os respectivos e legítimos proventos. Antes aquilo do que as mixórdias espanholas...

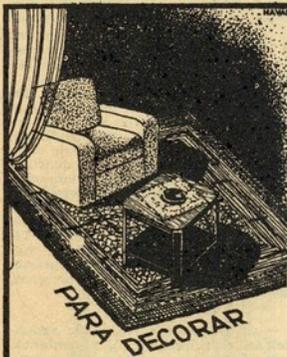
* Raras vezes temos gostado tão pouco desse grande actor que é António Silva. Será porque na figura que compôs há qualquer coisa de «compre» de revista? Será por causa daquela cabeleira incrível? Será por causa da voz artificial? A verdade é que aquela figura não é humana nem real — e isso é sempre um perigo para o arranjo das figuras.

* Uma referência especial à cena de Lalande e Maria Brandão, no 3.º acto, onde surge o único momento «psicológico» da peça e que foi muito bem desempenhado, por aquelas duas artistas.



MODELES PARISIENS

Gaby
COUTURIER
RUA BRAAMCAMP, 6, R/C. D.
TELEF. 4 3785 — LISBOA



PARA DECORAR

Em estoios, cortinados, reposteiros e carpéis, não há em Portugal mais bela e rica colecção que a da

Casa Africana

RUA AUGUSTA, 161-171



«CONSIDERO OS PRODUTOS «NOSEL» OS MELHORES E AQUELES QUE PASSAREI A ADOPTAR». — IRENE ISIDRO.



Respondendo às leitoras

«Estou desorientada com o que aconteceu, pois, não tenho tempo para mandar fazer toilettes. Acha que, realmente, já se não usam vestidos compridos nas cerimónias de casamento? O que mais me aflige é a disparidade, pois os convidados do meu futuro marido vão num quasi à-vontade. Que me aconselha?».

UMA NOIVA DESGOSTOSA

Desculpe, querida leitora, mas creio que você está a preocupar-se demasiadamente e sem necessidade. Hoje, numa época pouco normal, a moda é feita segundo as circunstâncias do momento. Tudo se usa, desde que seja prático.

Na verdade, a harmonia dum conjunto é, muitas vezes, o segredo da elegância, mas se não há tempo — nem valia a pena mais despesas — não se inquiete com o cerimonial exterior.

Quere, de facto, um conselho? Pense apenas no que representa para si o dia em que terá de acrescentar mais um apelido ao seu nome. Se sorrir, tanto melhor. E felicidades!

«Tenho estudado com o fito de tirar um curso. Mas agora, por impossibilidades materiais, penso que devo empregar-me para ajudar a minha família. Todavia, falta-me apenas um ano para acabar o curso. Que me aconselha?».

Laura P. H.

No seu lugar, eu empregar-me-ia, mas continuaria a estudar de noite, de modo que pudesse acabar o curso. Creio que é o que você irá fazer. Será um esforço duplo, é certo, mas as grandes vitórias são alcançadas à custa dos grandes esforços.

A RECEITA DA SEMANA

CREME DE GROSELHAS

Pesam-se 750 gr. de groselhas frescas, descascam-se e deitam-se numa caçarola. Juntamente com 300 gr. de açúcar em pó, três ou quatro colheres das de sopa — com água, um pouquinho de canela e sumo de limão. Cobre-se, depois, tudo e deixa-se cozer em lume forte. Logo que esteja cozido, passa-se por uma peneira muito fininha e deita-se o polme numa outra caçarola, deixando-se ferver novamente — até tomar a consistência dum creme brando. Só então, se tira do lume e se deixa esfriar completamente. Assim que o polme esteja frio, mistura-se dois decilitros de nata consistente e fresca e bate-se esta mistura muito bem.

Deita-se depois o creme resultante numa compoteira e serve-se com biscoitos ou palitos de «la reines».

A alta costura francesa está de luto!



Ele morreu! O grande figurinista, o tirano da moda — como ele próprio se alcunhou — deixou de existir. Morreu numa aldeiazinha da Provença, a pequenina aldeia que é — o grande Paul Poiret — amava imensamente, já pelo seu céu tão azul e tão limpo, já pelas cores vistosas dos seus campos e das suas flores! O célebre Paul Poiret morreu. Esta é a grande verdade. Por isso a alta costura francesa está de luto!

Que vida de actividade extraordinária foi a de Paul Poiret, sempre coroada de brilhantes sucessos!...

Quando, em 1905, o grande figurinista se instalou na rua Auber, o eco das suas idéias e do seu bom gosto espalhou-se tão rapidamente e em tantos sentidos, que em breve gozava dum reputação invejável e Paris inteiro — o Paris elegante — desfilava nos seus salões.

Paul Poiret acolheu, com o seu conselho e a sua arte, Théo, Mary Garden, Isadora Ducan e a própria Réjane, para a qual ele criara a sua primeira capa que ela levava para a cena, na noite em que, pela primeira vez também, a grande actriz representaria «Zazá». E essa capa, era tão bela, tão elegante, que por si só conseguiu um sucesso!...

Não é, portanto, de admirar que a fama de Poiret passasse as fronteiras. E, um dia, uma carta vinda da Grã-Bretanha e assinada por Mrs. Asquit, esposa do Primeiro Ministro inglês, pedia com insistência que o mestre do bom gosto aceitasse apresentar em Londres as suas colecções. Poiret aceitou com agrado, e partiu para a Inglaterra. Mas o seu êxito foi de tal forma extraordinário, de tal forma triunfal, que ele teve de regressar imediatamente, para evitar uma crise ministerial. O Primeiro Ministro inglês tinha sido acusado de favorecer o comércio francês em detrimento da indústria inglesa!...

Chegado a Paris, a sua actividade continuou a espalhar novos êxitos. E a sua primeira medida foi substituir as cores apagadas que a moda tinha como elegantes, em cores vivas, caprichosas, grianças — cores como o encarnado, o verde, azul vivo — cores dinâmicas que dão vida ao próprio olhar. Mas, apesar disso, ele fez conferências e não se cansou de dizer: «Cuidado, queridas clientes! Se o verde ou encarnado vos fica bem, não hesiteis em usá-lo. Mas, se pelo contrário, estas cores não se harmonizam com a vossa constituição, não tenteis, sequer, usar um vestido desse tom, só porque é moda usá-lo. O que é preciso, sobretudo, é dar realce à vossa beleza».

Cada vez mais em voga o seu nome e a sua arte, Paul Poiret comprou, então, pouco tempo depois, em St. Honoré, um sumptuoso Hotel, que ele modificou e mobilou a seu gosto — seu tão requintado gosto. Ali, passaram todos os nomes célebres da França. Deu festas maravilhosas, inesquecíveis para os que a elas assistiram. Mas de todas, aquela que mais gravada ficou nas páginas da história de Poiret, foi a que ele próprio intitulou de «Mil e duas noites», e duma sumptuosidade inexcelsível, por certo.

Paul Poiret viajou por toda a Europa e foi à África e à América. Vistou com os seus figurinos todas as capitais em destaque. Fêz conhecer a moda que vinha da França e espalhou-a por quasi todo o mundo. E se o conseguiu não foi pela força, mas sim pela arte. Ele próprio diz às mulheres americanas, daquelas a quem elle chamou «o tipo mais perfeito da arquitectura feminina», numa das suas habituais palestras: «o papel do costureiro consiste não em impor as suas idéias mas em adivinhar o momento em que a mulher está fatigada do vestuário usado, para lhe procurar aquilo que melhor lhe convém aos seus desejos e ambições». E acrescentava sempre: «a moda de amanhã deverá ser mais bela do que a de hoje!...».

Agora, a sua voz já se não poderá ouvir, as suas idéias já não seguirão pelo mundo fora, a sua fama não chamará toda aquela que deseja vencer na vida.

Hoje, apenas sobre o seu nome se estende um manto, um grande manto de longa saúde!...

Paul Poiret morreu numa aldeiazinha da Provença, rodeado de amigos, de flores e dum céu azul, tão azul e tão limpo como durante toda a sua vida ele tanto adorou!

MARIALIA

Três modelos berlinenses para as leitoras



Interessante conjunto de saia e co-saco branco, com blusa em malha de seda às riscas.



Vestido de fazenda «piéd de poules» preto e branco, com laços e botões pretos.



Blusa em seda, às riscas azuis e brancas, com um vivo enfiado formando laços aos lados, para dar idéa de um peitinho.

NOTAS RÁPIDAS



A bordo do «Dagmar-Falem» foi, há dias, oferecido um almoço a várias entidades portuguesas, pela empresa proprietária daquele barco sueco. Além do sr. ministro da Suécia, estiveram presentes os srs. dr. Rui Ulrich, Bernardino Correia, major Branco e muitas outras individualidades representantes de companhias de navegação.



Depois de uma viagem acidentada, através de uma Europa esfacelada, chegaram a Lisboa os prisioneiros civis ingleses que se encontravam em poder dos alemães. A caminho da pátria, os britânicos seguiram a bordo do «Drottningholm». É do seu embarque, em Aicântara, o aspecto que damos na foto.



As disputas de tiro aos pombos, no Estoril, são sempre acontecimento de mundanismo e interesse, reinindo na Costa do Sol mundo elegante e internacional. Eis a cerimónia, elegantíssima, da entrega da taça «Tamariz», pela sr.ª embaixatriz de Espanha, a D. Jorge Rein, um dos triunfadores do concurso, com o sr. José Infante da Câmara, vencedor da taça «Casino Estoril»

Vão surgir as «irmãs MELO» e a GRACIETTE, que é Bemfiquista, anda à procura de um «editor vantajoso»...



NASCEU ali, à rua de S. João da Praça — o número da porta não vem ao caso... — a Graciette Otelinda de Magalhães Melo. Corria o dia 13 de Fevereiro — o ano também não vem ao caso. Nasceu, cresceu e, apesar da sua idade ainda pressupor natural desenvolvimento em altura, temos a impressão de que se a Graciette fosse rapaz, nunca mais havia de chegar à craveira...

Pois a Graciette, tão pequenina, mas já tão conhecida — a popularidade não se mede aos palmos — desapareceu há tempo do microfone. O que foi, o que não foi, até que um dia destes, encontrámo-la. Quisemos esclarecer o caso e ela explicou então:

— Em Malo último, por pouco que não morri. Imagine, tive sarampo e um princípio de uma bronco-pneumonia! Fui proibida de cantar, porque até só os ensaios me fatigam imenso. De modo que tive que pedir férias na Emissora. Mas, daqui a pouco, voltarei para lá. Deixar de cantar, isso é que nunca. Ainda de cama cheguei a aceitar convites, para depois de restabelecida. E logo que pude, lá fui... Dum deles, na Casa das Beiras, guardo belas recordações...

— Por quê?

— ...Ora, porque foi numa festa organizada pela Casa do Concelho de Polares que se apresentei, pela primeira vez em Lisboa, pois já tinha cantado no Barreiro, o duo «Irmãs Melo», composto por mim, já se vê, e por minha irmã Zani Maria...

— Você está empregada?

— Sim, no Ministério das Colónias. À noite, acabo o curso comercial. Nas horas vagas... componho música e faço a letra das canções que depois interpreto. E não só das minhas canções: também já tenho feito letra para algumas músicas de Lutz Quintela, organista da E. N.

— E também cultiva prosa?

— Gosto muito de escrever novelas e de criar personagens com o alto valor moral que desejava tivessem na realidade. Mas... não gosto nada das novelas que acabem com o casamento, sabe? ...Isso são histórias banais em que as raparigas do século XX já quasi não acreditam...

Com um suspiro fugitivo:

— É tão difícil uma história real acabar com o casamento!... Sou alegre e optimista, mas as minhas novelas são quasi sempre tristes...

— O seu ideal seria, então...

— Publicar novelas e saber que agradavam ao público. Tive uma proposta para editar um livro, mas estou indecisa por causa do capítulo «monetário»...

Depois, Graciette como que tem outro suspiro:

— E também gostava de ter editado uma música, por exemplo a canção: «Diz a lenda», que é o número de que mais gosto...

— Há quanto tempo canta?

— Estreei-me no Rádio Peninsular há 5 anos. Agradei, recebi convites, e apresentei-me no Politeama. Depois, foi uma peregrinação por palcos particulares, sociedades e até pelo Casino Estoril e outras terras, por aí fora. Passei depois para o Círculo Popular de Lisboa, dirigido por Dias Pombo, e para o Grupo Folclórico da Casa de Entre-Douro-e-Minho. E foi aí, num dos ensaios, que

certa vez Carlos Ribeiro me pediu para colaborar num quarteto ainda em organização, dirigido por Belo Marques. Entrei no quarteto em que cantavam as Irmãs Santos e a filha do maestro, e trabalhamos sempre com um grande espírito de camaradagem e interesse. Afinal, ensaiámos 3 meses, em vão, porque, por doença de uma das Irmãs Santos, o quarteto desfez-se. Interpretávamos coisas do folclore português e do folclore «tongas», africano, que me interessava muito. Passou-se um ano. E um dia, uma das minhas colegas do Círculo Popular da E. N., veio a casa chamar-me, da parte do maestro Belo Marques, que pretendia que eu tomasse parte no novo quarteto da E. N. Ensaiei e, daí a 8 dias, houve a 1.ª emissão. As vozes de Maria Lemos, Gina Esteves, Cidália Metreles, e a minha uniam-se muito bem, e o quarteto continuou.

Neste intervalo, ensalava-se no S. Carlos o «D. João IV», onde entrei, visto o maestro de cores ser Dias Pombo. Mas, depois de estar 2 anos no Orfeão, saí na altura dos ensaios de «D. João IV» porque o melo não me convinha e não me interessava trabalhar assim. Deixei também o Grupo do Minho e dediquei-me exclusivamente ao quarteto tão popular que todos ouviam cantar o «Tiro-Liro», o número que, para mim, é o melhor que apresentámos. Cantei também a solo e estreei-me no Instituto Superior Técnico, onde apresentei o «Vira», com música e letra da minha autoria. «Em Roda»... parece que, por sinal, não foi nada mal...

— Que canções prefere?

— As puramente regionais: ramaldeiras, corridinhos... E, no entanto, veja lá, em regra canto música brasileira, por um lado, porque há dificuldades em arranjar músicas inéditas portuguesas — por outro lado, porque gosto do Brasil...

— Aprecia desporto?

— Então não sabe que durante 3 anos fui ginasta do Benfica? Colaborei no grande festival do seu 36.º aniversário, fui e continuei a ser grande bemfiquista! Quando estou em férias, pratico remo, natação e só deixei a equitação porque um cavalo bravo atirou comigo ao chão.

— O casamento e a arte serão incompatíveis?

A jovem artista queda-se um momento silenciosa, para dizer depois:

— Acho que, quando uma rapariga é «deveras» artista, nada a impedirá de abandonar a sua carreira. Ainda terá mais sorte se o marido a compreender e, até, a ajudar. Porém, a vida de casada quer que a mulher seja dona de casa e esposa. Mas, também, que o casamento implique o abandono completo da vida artística, não está certo, embora seja certo que a mulher tem mais obrigação de ser mulher do que o artista...

— Tem artistas, na sua família?

— Preferia não lhe falar por enquanto neste assunto...

— Por quê?

— Porque é cédo para falar de minha irmã Zani, com quem vou apresentar-me brevemente. E confio que faremos «boa-figura», porque a Zani foi a «grande revelação»... em família! Ah! que se você a tivesse ouvido na Casa-das-Beiras!...

...E modesta, esquecendo-se de si própria, a Graciette de Melo lá seguiu o seu caminho, finalmente liberta das perguntas e indiscrições do jornalista!...

À sucapa, os dois...

A vedeta da rádio Maria Sidónio e o escritor teatral Aníbal Nazaré casaram-se na Estrêla...



A primeira entrevista dos dois novos locutores da E. N.

JOANA Campina Miguel e Domingos Lança Moreira foram os dois vencedores do concurso para locutores da Emissora Nacional. «Vida Mundial Ilustrada», que fez a reportagem da prova, tinha, também, de ouvir os dois premiados, dá-los a conhecer aos nossos leitores. Dá-los a conhecer não é bem assim, porque Domingos Lança Moreira é um nome já bastante popular dos nossos radiófilos como locutor do Rádio Clube Português e, além disso, nosso camarada de redacção, um dos obreiros de «Vida Mundial Ilustrada».

Assim que soubemos do resultado do concurso, o nosso repórter pôs-se em acção e conseguiu, após dois encontros falhados, deparar com Joana Campina Miguel, a nova locutora da Emissora.

Encontrá-la no próprio estúdio e a conversa que o repórter com ela travou teve a curta duração do disco que naquele momento estava a ser retransmitido em ondas curtas.

Joana Campina Miguel é uma jovem morena, de grandes olhos e

cabelos castanhos, nem alta nem baixa, bonitinha, com vinte e um anos que parecem menos, e aluna da Faculdade de Letras, à beirinha da formatura. E pena que o retrato que aqui se faz não possa substituir aquele que Joana Campina Miguel se recusou a oferecer ao repórter, para ser publicado nesta página. Mas Joana Campina Miguel é uma rapariga simples e, segundo ela própria disse, «prefere viver no anonimato». E aí está a razão porque não conseguimos publicar a sua fotografia...

A nossa primeira pergunta respondeu com vivacidade:

— Oh, sim, felicíssima! Agradam-me imenso o meu género de trabalho.

Joana Campina Miguel conta-nos as suas impressões do concurso.

— Sabe? — diz-nos com tocante simplicidade. — Nunca pensei ganhar. Mas...

Sorri. Os olhos alongaram-se.

— Mas não bem que ganhei!

O disco chegou ao fim. Joana Campina Miguel mal tem tempo para nos dizer um adeus à pressa. O microfone chamava por ela. «Acabaram de ouvir...». Na verdade, a sua vozinha é de sonho...

* * *

Foi muito mais fácil encontrar Lança Moreira, o outro vencedor deste concurso que, seja dito de passagem, era bem duro, difícilimo, tão duro e tão difícil que só um concorrente de extraordinárias possibilidades ou já afeto aos trabalhos de rádio, poderia levar até ao fim.

Lança Moreira está na nossa frente. A primeira pergunta que se lhe faz é esta:

— Qual foi, para si, a prova mais difícil?

Lança Moreira esboça um sorriso satisfeito. Nada há de mais aborrecido para um jornalista do que deixar-se entrevistar. Mas sempre responde:

— Em todas me senti bem, o que não admira por que já estava habituado a trabalhar igual, no Rádio Clube Português.

Acende um cigarro e conclue: — Todavia, as provas eram de responsabilidade, e a mais difícil delas era, certamente, a reportagem feita de improviso.

Lança Moreira vai descrevendo as provas uma a uma. O repórter interrompe-o:

— Não tem pena de deixar o Rádio Clube?

— Sim! — responde com sinceridade. — Foi a casa onde aprendi.

— Estreou-se lá?...

— Não. Comecei na «Voz de Lisboa».

— E projectos? — pergunta-lhe o repórter.

As palavras dele vêm pausadas, reflectidas:

— Os projectos de um locutor devem ser aperfeiçoados sempre e trabalhar com honestidade e simplicidade. O locutor quanto menos fantasista for tanto mais se imporá à consideração dos seus ouvintes, o que não quer dizer, evidentemente, que em determinadas facetas do seu trabalho se exclua, por completo, um sorriso, uma injeção de alegria.

— Gostaria de ir trabalhar no estrangeiro?

Lança Moreira sorri, desta vez a valer.

— Querer abraçar o céu e a terra não é índice de prudência. E não esqueça que sou desportista, e um desportista tem por obrigação ser prudente e, sobretudo, calmo...

Outra pergunta: — Que prefere: «Serviço de estúdio ou exteriores?»

— É-me indiferente. A responsabilidade do locutor não muda. Apenas o ambiente se transforma e, neste caso, falará o temperamento e a sensibilidade do locutor.

A entrevista estava terminada. Neste momento, o telefone da redacção toca. O repórter corre a atender, esperando que fosse Joana Campina Miguel a dizer que sempre se resolveu enviar-nos a fotografia. Mas não passou de um sonho. Era a voz garbosa de um senhor que, ainda por cima, se tinha enganado no número do telefone...

Foi só isto o que Maria Sidónio Nazaré nos disse ontem, quando ligámos o telefone para a sua nova casa, o lar pequeno que ela e Aníbal Nazaré construíram por amor.

Maria Sidónio é uma artista simpática que o público aprecia e não se cansa de ouvir. Por isso assegurará os seus fans aquilo que nos diz com simplicidade:

— «Quando o público for tão bom para mim, não deixarei de cantar...».

Beethoven foi o compositor mais ouvido na discoteca de S. Paulo

«Diário da Manhã» de há dias publicou um interessante artigo sobre o valor das discotecas públicas. Que, fiquem sabendo, o Brasil, como todos os países tem uma discoteca pública, coisa que, infelizmente, não podemos dizer de nós. E pela separata do relatório desta discoteca chegou-se à agradável conclusão de que o compositor mais escutado havia sido Beethoven, seguindo-se Bach, Chopin, Verdi, Mozart, Brahms, Wagner, Tchaikowsky, Debuny, etc.

Quanto ao género de música foi o sinfónico o que teve mais requisições, logo seguido pela música de câmara.

APP

Rainha da Hungria

OS PRODUTOS DE BELEZA HÁ MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

M^o CAMPOS

RAINHA DA HUNGRIA

14 PRINCÍPIOS

Não peça à sorte... peça

Niepoort



Campos Coelho, que todos os anos nos dá uma audição das suas muitas alunas, manifestou, mais uma vez, como se educam vocações para piano e como é possível criar uma «classe» de artistas, a poder de trabalho e boa técnica. A audição deste ano, no Sindicato Nacional dos Músicos, marcou um verdadeiro acontecimento de arte.

Caldas de Canavêses

Baréges Portuguesa — A 2 km. da Livração

Abertura em 15 de Julho — Únicas águas arsenicais-sulfurosas da Península

Mesotermias, Hiposalinas, Sulfúreas Sódicas, Carbonatadas Sódicas, Silicatadas, Clorosulfatadas Sódicas, Fluoretadas e Rádio activas

Maravilhosas nas «doenças da pele»

Reumatismo, Sífilis, Afeções crónicas do aparelho respiratório. Doenças de senhores. Atonias gástricas. Enterecolites, Fermentações intestinais, Linfatismo, etc.

Director clínico: DR. RONALDO REYMAO DA FONSECA

Gerente: AUGUSTO PEDRO

antigo concessionário do Hotel do Golf de Vidago

Telef. — Posto Publico — Caldas de Canavêses

Locuções indigestas

ESCREVE-NOS um leitor a protestar indignado contra o facto de se apresentarem, entre nós, continuamente, documentários e outros filmes curtos com locução em línguas estranhas. Tem carradas de razão, e nestas colunas verberámos já, mais do que uma vez, o facto que agora lhe deu no gôto.

Não se compreende, com efeito, que não haja o pudor de poupar o ouvido do respeitável público a essa fuzilaria das metralhadoras humanas, tanto mais desagradável quanto é certo que as empresas que importam tais filmes, por via de regra, reduzem as legendas à expressão mais simples. E não há paisagem campestre, cena idílica ou beleza em traje de banho que resista incólume à catadupa de palavras despenhadas dos alto-falantes sobre uma multidão irritada com que o que não entende.

É certo que algumas firmas, dando-se conta da reacção a que aludimos, substituíram as versões originais pelas brasileiras. Mas a solução não é satisfatória por que, a despeito da língua ser uma, portugueses e brasileiros têm maneiras de dizer e expressões características que só no próprio país resultam inteiramente.

Ainda há pouco apareceu um filme nas nossas telas sobre o «cocker» da Casa Branca. E sempre que o locutor tinha que referir-se ao Presidente Roosevelt tratava-o por «chefão».

Parece-nos que ninguém taxaria de violenta a medida que impedisse a exibição de filmes curtos com locução em línguas estranhas, até porque, pondo de lado as vantagens de ordem geral, que do facto adviriam, para prestígio do próprio espectáculo cinematográfico, se iria dando que fazer aos estúdios e laboratórios portugueses, hoje em estado de executar de forma satisfatória esse trabalho, e suficientemente numerosos para não se supor que se pretendia beneficiar apenas uma ou duas empresas constituídas.

A menos que as firmas estrangeiras contratassem, para os seus estúdios, locutores portugueses com a finalidade de fazer versões para Portugal, país que lhe vem dando, há muitos anos, excepcionais facilidades para exploração dos seus filmes.

Na futura lei de protecção à indústria nacional cabia, por certo, a solução do problema que focámos sucintamente.

FERNANDO FRAGOSO



Não! Deanna Durbin ainda não é mamã. Vêmo-la aqui com Dickie, o seu sobrinho predilecto, de quem ela se considera, na realidade, mãe adoptiva. Deanna tem hoje o seu lar vazio. Vaughm Paul foi incorporado na Marinha e encontra-se, algures, no Pacífico. Os rumores que correram a respeito do divórcio não têm fundamento. Deanna continua fiel ao seu primeiro afecto e ainda não chegou, na vida real, à idade das desilusões...



NÃO nos perguntem os seus nomes. Perante tão lindas mulheres — as três graças do século XX — o próprio Red Skelton parece ter ficado sem dizer coisa com coisa. E remeteu-se a uma atitude, que em linguagem de comunicado de guerra se reduz a esta expressão — defensiva imposta pela superioridade de armas do adversário.

Há quem diga que o cinema é feito com noventa por cento de sonho e dez por cento de fantasia. Pela nossa parte não duvidamos. Porque três raparigas assim, simultaneamente tão belas e tão carinhosas, não se encontram na vida real!

Que pensa o leitor?

Cinema nacional Terminaram as filmagens de «Inês de Castro»

A equipa portuguesa que se deslocou a Madrid para as filmagens de «Inês de Castro» encontra-se já de regresso. Os trabalhos desta produção luso-espanhola, dirigida por Leitão de Barros, estão virtualmente acabados. Segundo nos informam, há apenas que realizar algumas filmagens do exterior em Coimbra e Alcobaca.

Os produtores depositam fundadas esperanças nesta película, que decorre em «décors» de grandiosa sumptuosidade e encerra extraordinários motivos de interesse. Os técnicos portugueses deram boa conta de si, e os artistas lusitanos — Raúl Carvalho, Villaret, António Vilar, Erico Braga, Alfredo Ruas, etc. — marcaram na interpretação das principais figuras do drama da «miseria e mesquinha».

A película deverá ser apresentada em Lisboa — tudo leva a crer — no fim deste ano, ou seja no começo da nova temporada.

UM FILME NOVO

«A vizinha do lado»

Começaram já a construir-se, no estúdio da Companhia Portuguesa de Filmes, os cenários para a película que António Lopes Ribeiro vai dirigir para aquela firma produtora, e que se baseia na famosa comédia de André Brun, «A vizinha do lado».

A acção localizar-se-á em 1913 e revivirá, nos trajos e ambientes, o encantador e pitoresco período de «avant-guerres». Os principais papéis estão a cargo de António Silva, Emília de Oliveira, António Vilar, Hortense Luz e, dum modo geral, do excelente agrupamento de «Os comediantes de Lisboa».

A primeira volta da manivela está prevista para o início do mês que vem.

Panorama da próxima temporada

AS firmas distribuidoras portuguesas estão organizando as suas listas para a próxima temporada. E, pelo que já se sabe, não é difícil descortinar o panorama geral que apresentam.

A guerra domina, como tema favorito, nas produções a estrear. Vamos assistir a uma avalanche de películas com fações dos «comandos», dramas de populações em regime de ocupação, aventuras dos fuzileiros navais nas ilhas do Pacífico, etc. As películas musicais obedecerão ao modelo em moda nos últimos tempos, com festas para os soldados, em que intervêm dúzias de vedetas célebres. Os factos desta e da outra guerra, isolados ou em paralelo, serão glosados em todos os tons. A guerra dominará, nas telas portuguesas, em todas as paragens e latitudes...

Mas nem só da guerra vive o homem. E, excepção a confirmar a regra, surgirão também algumas películas sem preocupação de propaganda. E valha-nos isso para nos lembrar que o cinema continua fiel à sua função primordial de espectáculo de puro divertimento, sem intenções reservadas...

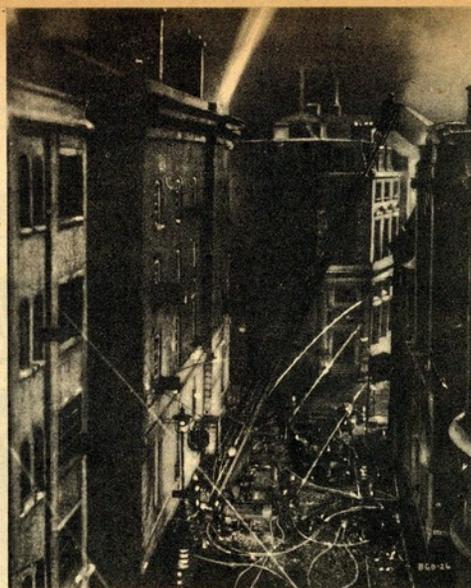
Lana Turner divorciou-se

SENSAÇÃO em Cinelândia! Lana Turner, uma das mais recentes mamãs da Cinelândia, divorciou-se. «Lana Alone» (Lana sózinha) é a frase que corre de boca em boca e que apareceu já estereotipada nos cabeçalhos das grandes rotativas.

A famosa vedeta do cinema americano, uma das mais lindas mulheres que pisam os estúdios de todo o mundo está só!

Eis uma situação que não deixará de impressionar os corações bem-formados.

Qual será, agora, «o senhor que se segue?».



LONDRES EM CHAMAS

OU LONDRES, CIDADE-MÁRTIR

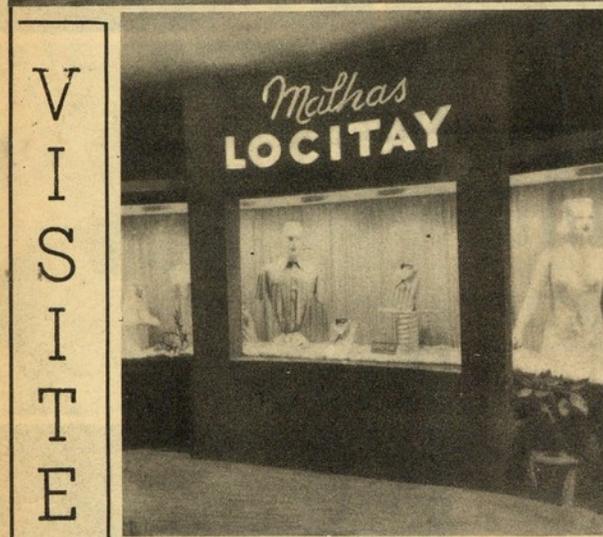
UMA das tristes novidades desta guerra foi, sem dúvida, a dos habitantes das grandes capitais também estarem na frente da batalha... Há até cidades, como Londres, que por mais duma vez se têm visto alvo do encarniçamento do inimigo. Primeiro foi o «Blitz» de 1940; agora, quatro anos depois, as bombas-voadoras, arma cega que vem reeditar os horrores que já pareciam afugentados para sempre...

Exibe-se no EDEN um filme — o célebre «The Bells Go Down» — que nos dá uma imagem viva das conseqüências do bombardeamento daquela metrópole e da luta estrênuo dos homens contra êsse flagelo que é um vasto aglomerado incendiado aos quatro ventos. Sábria mistura de realidade e de ficção, «Londres em Chamas» dá-nos, ao lado do tenebroso da catástrofe, as cenas de humanidade — a que não falta uma notazinha de «humor», tão caracteristicamente inglês — que são o fundo genuíno das grandes tragédias. «Londres em Chamas» é, por isso, um espectáculo a todos os títulos empolgante — e da maior actualidade.

Intervêm nesta produção dos Ealing Studios, distribuída em Portugal pela Nova Organização dos EXCLUSIVOS TRIUNFO, alguns dos melhores actores da escola naturalista, que o malgrado Leslie Howard designava por «cigarro na bôca e mãos nos bolsos», e de que êle próprio foi um dos mais brilhantes ornamentos. São êles: James Mason, Tommy Trinder, Philippa Hiatt, Meriel Forbes e outros, superiormente dirigidos por Basil Dearden.

O filme foi, de resto, realizado com a cooperação da National Fire Service, que engloba os homens e mulheres da London Fire Brigade e Auxiliary Fire Service, como preito de homenagem à devoção e sacrifício dêstes passivos mas heróicos defensores da cidade-mártir que, nesta guerra, têm representado o símbolo incontestado da resistência indomável.





Dois aspectos do «STAND» dos bem conhecidos artigos «LOCITAY» que pela sua distinção são os preferidos pelas senhoras e cavalheiros de bom-gosto.

V
I
S
I
T
E
M

OS MELHORES "STANDS"
DA FEIRA POPULAR



«STAND COURAÇA» a única organização portuguesa de perfumarias, fabricante da conhecida PASTA COURAÇA.

Neste «STAND», tôdas as noites, os visitantes da Feira são perfumados gratuitamente com os belos perfumes de criação COURAÇA.

EM TERRA, NO MAR OU NO AR
USE

Outros modelos desde 300\$00

Escola de Corte, Costura e Chapéus

M.^{me} Justo

SEDE - DIRECÇÃO - SECRETARIA

Rua de S. Lázaro, 127-1.º e 3.º
FRENTE À MATERNIDADE MAGALHÃES COUTINHO

A melhor e mais frequentada de todo o país

Brevemente, única e inédita demonstração do método de ensino desta Escola e bem assim uma grandiosa exposição de trabalhos em alta-costura e chapéus executados pelas suas alunas, que pela sua originalidade e beleza marcará como um acontecimento jamais visto em Portugal. Esta exposição será realizada nos nossos salões do 3.º andar e a entrada será rigorosamente seleccionada.

As alunas desta Escola têm a vantagem de frequentar as aulas 6 a 9 horas por dia e tôdas as lições são ministradas individualmente e nunca em conjunto. Os cursos não têm tempo limitado nem as lições são estipuladas, isto é, a aluna frequenta as aulas o tempo necessário a uma boa aprendizagem e boa aptidão no desempenho nos trabalhos de uma boa modista de alta-escola.

PROBLEMA N.º 10

O caso da pasta desaparecida

Sinceramente, o interesse pelos nossos problemas aumenta de número para número, e isso satisfaz-nos muito. Mas, coisa curiosa: os solucionistas podem dividir-se em três grupos: os que se estream constantemente; os que respondem uma só vez... e depois desaparecem; e, finalmente, os veteranos, que vêm desde o início da secção.

Entre estes, Natércia Leite, Zilteba, João Alberto Gouveia, Leiria, Dias e Israel Ferreira são agora os concorrentes mais cotados. Cada um tem sete problemas resolvidos. Assim, a luta toma maior emoção. Qual deles se conseguirá destacar? E os outros concorrentes, mais atrasados, não os conseguirão ultrapassar em breve? A ver vamos...

Para este problema as respostas podem vir até ao dia 10 de Agosto.

CORRESPONDÊNCIA

LOBO SOLITÁRIO, (Lisboa) — Sim, senhor, pode concorrer... mesmo com 18 anos. O que é necessário é enviar uma solução certa.

ESOJ RAPSAG, (Covilhã) — Não acertou, não senhor. Mas continue! **POLICARPO ANTÓNIO ZÉ, (Alvalázer)** — Esqueceu-se de apontar a prova principal (da folha de papel). E sem isso, nada feito...

AURORA SANTOS, (Paredé) — Só agora lhe posso responder. As cartas são muitas... Como viu, a sua primeira solução «oficial», foi muito aceitável.

JORGE BETTENCOURT, (Lisboa) — Muito bem. De hoje em diante o senhor será tratado por *Mr. Moto II*. Não tem receio?

RÓMULO, (Lisboa) — Descobriu tudo... excepto a mentira de Evelyn quando se referiu à folha de papel. E isso era o principal. Quanto ao outro problema, ninguém se queixou.

MANUEL MORAIS, (Lisboa) — As suas duas últimas soluções tiveram uma falta comum: a prova fundamental. Creio, porém, que o senhor é um bom solucionista e que se desforrará nos problemas futuros.

D. L. PIRES, (Amadora) — Fêz bem em porflar... Desta vez matou caça...

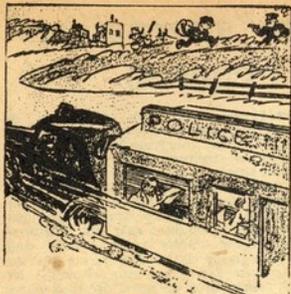
ALTO RUI, (Lisboa) — As condições para concorrer a estes problemas é apenas uma: enviar uma solução lógica, acertada, e de acordo com a solução oficial e destacando bem as provas capitais para a acusação...

MANUEL PEREIRA SOARES, (Macédo-de-Cavaleiros) — Creia que lastimo também esse pequeno contratempo que aponta na sua carta... Mas, deixe lá, ocasiões não faltam para confirmar a sua perspicácia e o seu talento detectivesco.

JOÃO ALBERTO GOUVEIA, (Lisboa) — Afinal, chegou a vez do meu amigo errar... Agora, precisa de ter cuidado. Está em igualdade de problemas resolvidos com Zirteba, Natércia Leite, Leiria Dias e Israel Ferreira. E todos eles são adversários perigosos, segundo suponho...

DETECTIVE NI-KO, (Lisboa) — Altere-lhe o pseudónimo... porque esta não é a página de humorismo. Compreende?

REPORTER MISTÉRIO



POLÍCIA SOBRE RODAS

Um reboque automóvel — dotado do material necessário — que pode ser enviado directamente à cena de um crime suspetado, sem demora, está sendo usado pela polícia de Nassau, Nova York.

Essa polícia sobre rodas foi desenhada e construída para o esquadro de homicídios e tem mesa, cadeiras, etc., para acomodar 12 pessoas num inquérito.

Contém também material de laboratório com todo o aparelhamento para levantamento de impressões de pés e mãos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9

A opinião do inspector King foi esta:

«Quando cheguei ao pé do cadáver de Marcelle, havia maré baixa (foto 1). Encontrei-a num dos últimos degraus da escada e soube que ela morrera, há seis horas. Ora, agora posso afirmar que seis horas antes do crime, o maré estava cheia e que, portanto, o degrau em que o cadáver se encontrava devia estar muitos pés abaixo da água, pois que a maré cheia subia até ao cimo da escada (foto 4).

Como consequência, temos que Marcelle não se suicidou neste local. E se não se suicidou, foi assassinada! Mataram-na noutro sítio qualquer e trouzeram-na para aqui. Mas o assassino foi pouco esperto. Em vez de o colocar, ao cimo da escada, foi depositar o cadáver nos últimos degraus. Esqueceu-se das marés e das horas...

Esse assassino foi Elmer, que mentiu. Estou certo de que ele falsificou o bilhete de Marcelle.

De facto, priso e acusado, Elmer Wesley confessou o seu crime: matara Marcelle porque ela não se queria divorciar e fora colocar o cadáver nas escadas. Além disso falsificara o bilhete para dar melhor a ideia dum suicídio. Mas ele não percebia nada de marés...

QUADRO DE MÉRITO POLICIAL DOS SOLUCIONISTAS DO PROBLEMA N.º 8

(Por ordem alfabética)

- | | |
|---|--|
| (4) A Curiosa Lili Maia, (Figueirada-Foz). | (3) Manuel do Carmo Peres, (Lisboa). |
| (4) A. F. da Costa e Castro, (Pórtio). | (5) Manuel Morais, (Lisboa). |
| (4) Alberto de Oliveira, (Lisboa). | (5) Manuel Pereira Soares, (Macédo-de-Cavaleiros). |
| (2) Alberto de Penamacor, (Colimbra). | (1) Manuel Ribeiro Baptista, (Lisboa). |
| (2) Alto Rui, (Lisboa). | (1) Maria de Lourdes Oliveira, (Lisboa). |
| (5) Amador X., (Lisboa). | (1) Maria Natália Garcia, (Lisboa). |
| (1) António de Sousa, (Lisboa). | (2) Mário Claro da Silva, (Pórtio). |
| (2) Artur de Sousa Monteiro, (Pórtio). | (1) Mário Martinho Pereira, (Lisboa). |
| (5) Artur Varatojo, (Lisboa). | (3) Mimi Sherlock Holmes, (Lisboa). |
| (1) Boaventura Martins, (Crestuma-Carvalhos). | (4) M. S. A., (Colimbra). |
| (1) Carlos Alberto Fabião, (Lisboa). | (7) Natércia Leite, (Lisboa). |
| (1) Carlos Idães, (Lisboa). | (2) Ni-Ko, (Lisboa). |
| (5) Carlos Plácido de Sousa, (Lisboa). | (5) O Faicão, (Pórtio). |
| (1) Charlie Chan II, (Lisboa). | (1) O. K., (Colimbra). |
| (4) Detective de Calças, (Pórtio). | (2) Olho-de-Polícia, (Lisboa). |
| (2) Detective Improvisado, (Lisboa). | (1) O Lobo Solitário, (Pórtio). |
| (2) Duarte Leite Pimentel, (Lisboa). | (1) O Makiki, (Pórtio). |
| (1) Fanasha, (Colimbra). | (1) Orellinas, (Lisboa). |
| (6) Fernando Edgar Trigo, (Ermezinde). | (1) Penedote, (Lisboa). |
| (1) Fernando Piedade, (Lisboa). | (2) Repórter G., (Bombarral). |
| (4) Filipe de Aguiar, (Foz-do-Douro). | (1) Repórter n.º 8, (Laranjeiras). |
| (5) Henrique Fernandes, (Estremoz). | (1) Repórter 33, (Francelos). |
| (7) Israel Ferreira, (Lisboa). | (4) Repórter X..., (Lisboa). |
| (2) Kokabichinhos, (Pórtio). | (3) Rodavias, (Lisboa). |
| (1) Landrú, (Lisboa). | (2) Rómulo, (Lisboa). |
| (7) Leiria Dias, (Lisboa). | (1) R. P., (Lisboa). |
| (1) Luiz Cabanelas, (Lisboa). | (1) Rui de Aguiar, (Algés). |
| (1) Lyngolde, (Lisboa). | (1) Sávio Juliano, (Esmoriz). |
| (1) M., (Algés). | (4) Scharco, (Alcobaça). |
| | (5) Simara, (Lisboa). |
| | (1) 3 Sombras, (Lisboa). |
| | (7) Zirteba, (Lisboa). |



1 Quando chegou junto do inspector, a rapariga disse-lhe, emocionada: «Além adiante, em «Martinet Comt», há um homem estendido no meio do chão. Talvez tivesse sido atacado.

O inspector agradeceu a informação e dirigiu-se para o local mencionado. Mas a si próprio perguntava porque não teria a rapariga socorrido o homem caído?...



3 Numa farmácia perto dali, o homem recebe curativo para a ferida que tem na cabeça.

Entretanto, o inspector fica a saber, através das declarações do homem, que ele se chama Charles Montagu e que é ajudante de tesoureiro dum dos principais armazéns da cidade. Explica que ao regressar do Banco com os ordenados para o pagamento da semana, fora atacado por um assaltante invisível. Este der-lhe uma pancada na cabeça e fugira com a pasta.



2 O inspector encontra, de facto, um homem deitado de bruços. Num breve exame assegura-se de que ele ainda está vivo, se bem que aparentemente inconsciente.

O inspector volta o corpo com cuidado e, pouco depois, o homem reabre os olhos. Auxiliado pelo inspector, senta-se e leva as mãos à cabeça. Mas, de repente, olhando para o chão, à sua volta, solta um grito aflitivo: «Roubaram a minha pasta!».

O inspector ajuda-o a pôr-se de pé e levanta do chão o chapéu do homem.



4 Mais tarde, ao falar com o director de Charles Montagu, o inspector soube também que a pasta desaparecida continha 1.100 libras.

Então, súbitamente, o inspector fica sério e manda chamar Montagu. Depois, sem hesitações, o inspector diz o que pensa sobre o caso da pasta desaparecida.

Que pensa o inspector? Quem acusa ele? Porquê?

(Leia a solução no próximo número).

TOIROS

A OPINIÃO DUM TÉCNICO

O dr. Amadeu Vieira, médico-veterinário substituto da Praça do Campo Pequeno, fala-nos do toiro de lide

A MADEU Vieira é um médico-veterinário que, apesar da sua pouca idade, disfruta já de um destacado lugar dentro da profissão que abraçou, não só por inclinação natural, como por exigência do seu espírito aficcionado. Assim, tem dedicado ao toiro de lide o melhor da sua atenção científica — o que, aliado ao facto de há cerca de dois anos estar desempenhando as funções de médico-veterinário substituto da primeira praça do país, dá ao seu depoimento um interesse absoluto e actual.

Quando lhe perguntámos como é desempenhada a sua missão, nas praças de toiros, responde-nos:

— Muito incompletamente e muito ao contrário do que seria natural, pois, a nossa missão limita-se à avaliação do estado sanitário das rézes e essa mesma em condições deficientíssimas, porque se faz nos currais da praça e, portanto, num plano superior àquêle em que se encontram os toiros e a tal altura que não permite a observação de pontos da maior importância, como por exemplo, o exame dos órgãos visuais. A avaliação do péso, tipo, etc., que devia ser feita por médico-veterinário, está confiada ao delegado da Inspekção Geral dos Espectáculos, que é o director da corrida. Isto tudo, como deve compreender, são deficiências que só o regulamento das corridas de toiros podia resolver, esse regulamento de que há tanto se fala, mas que não há meio de dar acôrto de si...

— Que pensa da criação do toiro em Portugal?
— Que na maioria dos casos as ganaderias portuguesas trabalham com a melhor das intenções mas sem o rigor técnico que seria preciso. Não basta importar sementais ou mães de mais ou menos fama; é preciso, sobretudo, sabê-las escolher consoante as condições, trasladando-as para zonas quanto possível idênticas às do meio de origem, pois a mudança de pastagens e o ambiente pode fazer matopras as mais prometedoras cruzas. Além disso, é preciso ter em conta conhecimentos biológicos, fisiológicos e mesmo de psiquismo, conhecimentos estes que no meu entender só um médico-veterinário pode possuir. Um aspecto da maior importância é também o conhecimento exacto das leis da genética, para a fixação de caracteres.

— Parece-lhe que pode haver maneira de se dar às empresas e, portanto, ao público uma maior garantia da qualidade dos toiros a lidar?
— Acho que sim, pelo registo obrigatório das «ganaderias» e execução de tentas, perante o júri habitual, ao qual se agregaria um delegado do Estado que autenticaria as notas de tenta.

— Mas, para isso, tornava-se necessária a criação da União dos «Ganaderos» portugueses, com um carácter quanto possível oficial...

— Naturalmente. De resto, é uma coisa que se impõe para maior prestígio da «Festa Brava» e em benefício do público para quem, no estado de coisas actual, a corrida de toiros é uma autêntica rifa. Isto, sem já referir as vantagens que daí tirariam os próprios «ganaderos».

— Parece-lhe que Portugal possui condições para a criação do verdadeiro toiro de lide?
— Absoluta. A região ribatejana, pelo seu clima e vasta irrigação, tem pastagens que se podem considerar excepcionais para a criação de todo o gado manado. A própria constituição dos terrenos, extraordinariamente ricos em sais, favorece de modo incontestável a alimentação e formação do toiro de lide com as melhores características. Assim os outros cuidados correspondam à excelência do meio.

Restava-nos agradecer ao Dr. Amadeu Vieira a gentileza com que prestou tão interessantes afirmações. Cumpre agora a quem de direito tomar na devida conta os pontos em que o seu depoimento merece estudo.

Duas prometedoras "alternativas" no Campo Pequeno

NA primeira nocturna do Campo Pequeno receberam «alternativas», o cavaleiro Rosa Rodrigues e o bandarilheiro Manuel dos Santos. Auspiciosas foram elas, pois que o primeiro mostrou mérito desde já engrossar a primeira fila dos nossos artistas equestres, e o segundo forneceu razão para que se considere como o mais bem apetrechado de quantos há uns anos para cá prestam provas.

Rosa Rodrigues, no toiro cedido por Núnco, fez uma lide brilhante, variada, aglutinando serenamente as recargas e cravando ferros compridos e curtos que entusiasmaram a assistência, pelo que no final deu volta à arena.

Manuel dos Santos, que teve o bom senso de não fazer a «galona», principiou por lançar de capa em «verónicas» muito aproveitáveis e em dois «faróis» esplêndidos. Bandarilhando, cravou três pares, resultando superior o segundo. O público compreendeu que estava diante dum lidador de real valia e, aplaudindo-o com calor, forçou-o a dar a volta ao redondel.

João Núnco conseguiu no terceiro da noite um dos mais brilhantes triunfos da sua carreira. Com preparações luzidíssimas, cravou vários ferros, todos excelentes e de belos difereças, numa lide tão inteligente que até pôde tirar partido da «renda» do toiro. Nos «curtos», teve um «sesso» simplesmente assombroso de precisão, outro em terreno apertado e um terceiro indescrevível depois de uma preparação das mais belas e tórridas que temos visto. Ganhou, desta forma, João Núnco, as mais entusiasmantes palmas da noite, com duas voltas e saída aos «médios».

«Cañitas», no 4.º toiro teve uma «faena» de «muleta» completíssima, principiada valentemente com um passo sentado no estribo e continuada com uma série de cinco for-

midáveis «naturais» e outros de «peltos», «molinetes» e em redondo, tudo isto incrivelmente arrimado, pois o inimigo era manso e só arrancava à custa do toiro. He pisar o terreno. Por tão destacado labor deu «Cañitas» a volta ao redondel no meio de uma ovação que o obrigou ainda a sair aos «médios» a saudar. Nesse toiro cravou dois bons pares de bandarilhas e fez um «quite» fantástico por «faróis». No 7.º toiro teve um novo óptimo pares de bandarilhas, e por que o toiro se não fixava nem parava, Carlos Vera esteve um pouco confundido com a «muleta». Se insistisse em tourear-lo por baixo, teria conseguido melhores resultados.

Gregório Garcia com o capote executou emocionantes «chicuelinas» e duas «verónicas» que podem classificar-se de óptimas. Foi boa a sua «faena» no quinto toiro, com passes admiráveis e valentíssimos. Onde, porém, Gregório esteve enorme foi a bandarilhando. Três pares monumentais que o público premiou com outras tantas ovações que se repetiram no final quando deu a volta ao «ruedo».

O grupo de forçados de Santarém fez excelentes pegas, principalmente a de José de Abreu. Todo o grupo deu volta à praça, distinção que também coube a Procópio pelo seu excepcional trabalho de brega e ainda por belos lances à «verónica». Merecem ainda referência Guisado, Saravia e Correla.

Os toiros de Mendes Núnco, todos grandes, forneceram indícios desconcertantes, ora acusando bravura, ora denotando mansidão. Uma corrida que só se podia avaliar se fosse picada.

Gongalves, na direcção, nem sempre feliz na mudança dos estercos e precipitado ao mandar recolher o último toiro.

Os mexicanos animaram a corrida de Algés

Tinha um excelente cartaz a corrida que a Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais organizou para a tarde de 30, em Algés. Não correspondeu a corrida à excelência da organização porque os toiros de Cláudio Moura, de arrobas e lindo tipo, foram, na sua maioria, mansos, tornando-se por isso necessário claudios muito de perna para os belos passes que se investissem, o que é sempre perigoso para os toureiros. Por isso só os mexicanos brilharam no conjunto do seu trabalho — porque souberam ser valentes. «Çaganos» não encontrando adversários que lhe permitissem exibir a classe para «arrimar-se», e Gitanillo, embora chelo de boa vontade, não conseguiu grande luzimento para o seu labor.

Joaquim Rodrigues, em toda a tarde, pouco fez digno de registo. Do seu perfume cigano deu apenas uma amostra nuns remates de «quites» no oitavo toiro.

«Gitanillo», com o capote, conseguiu entusiasmar o público com os melhores lances de capa que se fizeram. No 3.º toiro tivera já dois lances de manilha, mas foi no 7.º e 8.º toiros que mais entusiasmos em «verónicas» executadas com invulgar beleza e verdade, que resultaram assombrosas. Com a «muleta» escutou palmas pela boa vontade manifestada.

«Cañitas» toureou muito bem o 4.º e 8.º toiros, com os quais realizou duas «faenas» valorosas, coloridas por excelentes passes, tanto com a direita como com a esquerda, chegando-se muitíssimo aos toiros e aglutinando as suas investidas com impressionante serenidade. Com o capote teve um estupendo «quite» por «gaonetas», admirável de arte e valentia, e outros ainda por «chicuelinas» e «verónicas» que se

tência aplaudiu com entusiasmo. Como além disso «Cañitas» bandarilhando bem os seus toiros, a sua actuação foi completa e merecedora das voltas à praça que deu, tendo ainda que sair aos «médios».

Tarde completíssima teve Gregório Garcia, conseguindo as maiores com bandarilhas e «muleta».

Couberam-lhe dois mansos de que soube tirar o maior partido, pelo que pôde colorir os primeiros «tercios» com primorosos lances de capa, em «verónicas» magníficas, «chicuelinas» arripantes ou «spanness», que esculpiu de tal maneira que a assistência se levantou para aplaudir.

Bandarilhando, devem destacar-se dois colossais pares a «quartete» e um «quebro» citando e aglutinando com inconfundível valentia. Com a «muleta» executou uma grande «faena» no seu primeiro, exibindo num repertório variado, maravilhosos passes de impecável desenho e arrojada execução. Com calma, elegueu os terrenos que quis, acabando por apossar-se do inimigo, recando-se com êle e adorando-o em desplantes de grande toureiro. A ovação foi delirante, com volta à praça, prendas e saída aos «médios».

Simão da Velga esteve muito bem no único toiro que lidou, variando com inconfundível valentia, o magnífico do seu toureiro e conseguindo ferros admiráveis, sobretudo o colossal «curto» com que fechou tão brilhante lide. Valente como nenhum outro cavaleiro, se o toiro acudisse a duas ou três preparações vistosíssimas de Simão, a praça teria caído com palmas.

Na brega distinguiram-se Guisado, Saravia e Correla. A direcção de Manuel Duarte, por vezes demorada.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

CAPOTAZOS

EM BOM CAMINHO



O novilheiro português Diamantino Viseu, voltou a exhibir-se em Toledo, no dia 25, com absoluto êxito, sendo muito aplaudido e dando voltas à praça com petição de orelha.

Para todos os aficcionados, deve constituir motivo de alegria e orgulho a carreira dêste simpático rapaz que, incontestavelmente, possui condições básicas para ser toureiro — isto é, tem arte e coragem.

SINAL DOS TEMPOS...



Lêmos num jornal espanhol que em Madrid, numa das últimas notinhas, porque Martin Vasquez chorou ao ouvir um «aviso», recebeu do público sensibilizado uma grande ovação com volta à praça, após a qual se fez uma enorme

«bronca» ao presidente, que muito justamente mandara soar o corneteim.

Final, o público é igual em toda a parte e já que parece estar, enfim, resolvido o conflito hispano-mexicano, esperamos que depois de Arruza outros mexicanos se exibam em Espanha para acrescentar mais provas a esta afirmação.

UMA RESPOSTA CÉLEBRE



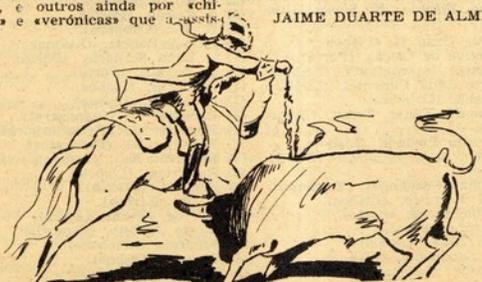
Salvador Sanchez «Frascuelo», o valentíssimo toureiro de Granada, cujo valor todos os aficionados conheceram, foi, por vezes, duramente castigado pelos toiros.

Certa tarde em que toureou em Sevilha e em que sofrera uma cornada grave, entra na enfermaria um amigo, que lhe pergunta, precisamente na ocasião em que o médico lhe fazia um tratamento dolorosíssimo:

— Então, que foi isso, Salvador?

E «Frascuelo» sereníssimo:

— O que há-de ser! Nada! O que os touros dão — uma cornada!



Um «curto» de Rosa Rodrigues no toiro da «alternativa».

“A lareira do passado”

por Eduardo Schwalbach

“Inquietação da acção”

por M. F. Santana

“Manual de filosofia”

por Piedade Morais

NÃO se escrevem memórias somente pelo prazer de recordar ou pelo interesse de comunicar à posteridade o que se viveu e conheceu. Há sempre no género um esboço mais ou menos consciente e deliberado para situar a pessoa espiritual na ordem do tempo, julgando-se a si mesma pela equação com as épocas e julgando estas pelo que consentiram à pessoa. O memorialista faz das suas páginas Dia de Julho, e o valor da obra aquilata-se não só pelo brilho literário, vivacidade de observação, sentido do pitoresco, riqueza de ensinamentos, acerto psicológico, mas pela consciência da responsabilidade de ter vivido e vir julgar publicamente a vida. Sob este aspecto pode dizer-se desde logo que as «memórias» de Eduardo Schwalbach neste livro, «A lareira do passado», nos revelam pouco domínio do autor sobre a ideia que faz de si próprio e as ideias que forma sobre os homens representativos aqui julgados. É difícil explicar esta deformação psicológica e moral latente em toda a obra por ingenuidade do autor. Schwalbach apresenta muito a descoberto o artifício das suas apreciações pessoais, mas ao mesmo tempo descreve com justiça e verdade o ambiente em que as figuras se movem. Por exemplo: apresenta como modelos de virtudes, de inteligência e de civismo os políticos das últimas décadas da Monarquia e como modelo de miséria, abjeção moral e estupidez grosseira a política em que eles se moveram e que eles mesmos fizeram, afinal.

A explicação d'este desconcerto, que é a característica mais destacada no conteúdo do livro, parece residir em outras razões: Schwalbach afigura-se um espírito que não respira nem encontra o perfeito equilíbrio de expressão fora do jornalismo alegre e do teatro. Em ambas as coisas se pensa e escreve com o público logo em frente, sob a pressão do que é público e do que se lhe vai dizer. Nestas «Memórias», o antigo jornalista e brilhante e seguro escreve e apresenta-se perante o público e apresenta as figuras do seu palco de recordações, com a fachada artificial de personagens.

Por aí se justificam, talvez, alguns dos aspectos mais desconcertantes d'este livro de evocações: certa figura de primeiro plano na política do parlamentarismo monárquico, que Schwalbach quer elevar ao mais alto nível intelectual e moral, vem a parecer-se involuntariamente, através da sua pena, com o Conselheiro Pacheco que Eça de Queiroz desenhava; outra, que o autor vê como modelo de dedicação e lealdade, aparece à mostra em episódios torpes; chama «mansão dos deuses» e protesta em admiração perante reuniões de políticos cujas milótrias e tróicas se descobrem irresistivelmente no que é mesmo descreve. E vê-se com espanto o próprio autor em movimento nas intrigas vãs e algumas vezes desprezíveis do constitucionalismo, que definiu nestes termos: «Uma contínua balbúrcia na Freguesia da Figueira, entre corajosos de grenhas soltas, arremangadas e sem freio na língua». Sob este aspecto, fecha-se o livro perguntando com espanto como pôde um homem inteligente e dotado de ironia navegar com tal «insouciance» nessas águas repulsivas, de que outros saíam praguejando de desprezo e revolta.

Quanto ao valor literário do livro, outras considerações se apresentam — e bem mais favoráveis a esta curiosa figura da sociedade portuguesa — idade em que tirou estas recordações do arquivo do seu pas-

sado, sem a ajuda de um apontamento ou de uma notícia — a forma ágil e colorida do esgrimista vivíssimo da palavra que foi no teatro. A rapidez e o brilho do seu estilo guardam ao mesmo tempo uma simplicidade séria de espírito longamente cultivado nas letras. Tem a maneira impecável de um clássico e a vivacidade actual de um cronista cintilante. Algumas vezes, sobretudo nos primeiros capítulos do livro, em que é evocada a juventude, ou quando recorda alguma figura íntima mais tocada pela sensibilidade, parecem escutar-se ressonâncias camilianas no seu estilo de impressão sentimental e directa. Aí se encontra o que há de melhor no homem — um coração descoberto e enternecido, sinceramente transposto para as palavras sinceras. E o que há de melhor no escritor descobre-se no diálogo, seja ele de evocação da realidade ou de pura fantasia.

As figuras conhecidas do passado próximo falam realmente a sua linguagem apropriada, com veemência e verdade. Schwalbach recordou-as como figuras do seu teatro íntimo e a mão segura do comediógrafo dá-lhes na expressão dialogada o tom mais justo e mais firme. Do mesmo modo os diálogos de fantasia em que o autor se desdobra, debatendo ideias, sentimentos e apreciações com «O dia de hoje», o «Acaso», o «Destino», são preciosos de verve e animação. Um velho que assim conserva luminosamente este dom da fantasia crítica ou poética possui, na verdade, um talento di-

gno de uma obra inesquecível. Quando se aproxima, nestas páginas de relevante eloquência, do seu estilo teatral enriquecido pela improvisação jornalística, Schwalbach é observador magnífico, inteligência generosa e insinuante que revela muito de si própria e do seu tempo. Destalece, sem dúvida, quando o sentido crítico precisa de mergulhar em análise mais profunda. Aí, a sua pobreza doutrinária, a sua mediocridade como moralista, a sua cultura exclusivamente literária, deixam-no a braços com terríveis dificuldades de expressão justa e séria. A sua trajectória adequada vai da vida para o palco, único caminho predestinado do escritor — com ligeza, improvisação, facilidade de compor símbolos ainda muito próximos da vida. Na trajectória literária para as abstrações ou para os preceitos rigorosos da apreciação moral, Schwalbach é manifestamente pobre e pequeno. Chega mesmo a afiorar, em certos casos, uma retórica vazia e caduca, nada schwalbachiana, que mais se lamenta no contraste com as páginas em que um halo subtil de lirismo e ironia envolve as recordações extraídas do tempo para o palco actual da imaginação. Então é justíssima na frase, vivíssimo na intenção, superior e humano.

Resta lembrar ainda, como informação ao leitor, que Schwalbach cultivava portugalmente a anedota neste livro. Pertenceu a uma geração do dito fácil e da aventura picaresca. E nas anedotas, algumas de extraordinária graça, que este homem de

* * *

«Inquietação da acção» refina numerosos artigos do padre jesuíta Santana, com um longo prefácio no que Neves da Costa reaparece na apologética político-religiosa e na polémica. Os escritos do P. Santuza, em luta contra a maré republicana e laicista do princípio do século, tem actualidade restringida a um único sector do pensamento e da acção. No seu significado apologético não cabe discutí-lo aqui; no aspecto político-social não se pode por agora a sua análise crítica; no aspecto literário haveria que analisar o seu valor panfletário e emocional.

Tudo isso é dificilmente desarticulável — e talvez inútil contrapor argumentos a um espletista que começa por chamar aos sonhadores de utopias «o maior flagelo da humanidade».

Do prefácio de Neves da Costa pode dizer-se, porém, que é mau jornalismo, muito mau panfleto, medíocre e banal agitação de convicções. Para ele tudo é «febre alta» — o pensamento e a acção — e o estilo, as ideias, a mentalidade, a cultura, ficam bem expressos na frase simbólica em que proclama Voltaire «satânico psicólogo do mal». Quando não azedo, Neves da Costa é de amadorismo. Isto é tão pouco cómodo para a crítica que mais vale, realmente, passar adiante.

* * *

Gustave Flaubert e a Normandia

Os exércitos anglo-americanos desembarcaram nas praias normandas onde outrora os Vikings acostaram os seus longos «drakkars», saltando em terra para a pilhagem e a aventura, sobre o império de Carlos Magno em desagregação. As notícias de guerra falam de terríveis batalhas, bombardeamentos e destruições nessa terra que serve, há séculos, de ponto de partida ou de chegada das invasões que vêm da Inglaterra ou se dirigem para ela. Começam a surgir os nomes de cidades e aldeias que grandes escritores franceses notabilizaram, por terem nascido nelas ou aí ter decorrido a maior parte da sua vida.

Com efeito a Normandia, mais ainda do que a Bretanha exaltada por Reman nos «Souvenirs d'enfance et de jeunesse», é uma terra clássica de escritores. Aí nasceram Corneille, Fontenelle, Malherbe, Saint-Evremond, Bernardin de Saint-Pierre, Maupassant, Barbey d'Aurevilly — e Gustave Flaubert, normando de confessada estirpe que na sua quinta de Croisset escreveu a maioria das obras imortais donde nasceu quasi toda a literatura francesa moderna.

A sua vida dilecta foi essa de grande senhor «compagnard». Em Croisset recebeu os amigos e os admiradores, daí expedita a sua admirável correspondência; e à sombra das árvores antigas, no velho solar provinciano meditou durante largos anos, no cultivo apaixonado da forma e no desejo inextinguível de perfeição, as páginas expressivas da «Salambô» e de «Madame Bovary».

Na marcha das operações militares aliadas hão-de encontrar-se os nomes das terras que a desventurada heroína percorreu na sua inquietação romântica; e sobretudo Rouen, a cidade velha e calma, que Victor Hugo celebrou nos seus versos:

«Amis, c'est donc Rouen, la ville aux vieilles rues»

Na paisagem verdejante e temperada, em que o entardecer põe o encanto da infinita paz, passou Flaubert as suas evocações, expressas nas cartas admiráveis a Louise Colet e imaginou os quadros da velha Cártago no tempo de Amílcar, da vida medieval perturbada e mística, da decadência burguesa que corrompia no seu tempo a sociedade provinciana envenenada pelo «bovarismo» e a insatisfação.

Pouco se pode dizer, também, sobre o «Manual de Filosofia» publicado por Piedade Morais na Biblioteca Científica das «Edições Gleba». Trata este primeiro volume da psicologia e tem carácter principalmente descritivo, sem que afluente com frequência e energia a personalidade intelectual do autor. O que mais se destaca neste manual de estudo é uma qualidade francamente negativa: Piedade Morais cede às imposições do programa oficialmente adoptado no ensino da filosofia nos liceus; e esse programa está errado, monstruosamente errado, a tal ponto que a mais resistente vocação pedagógica não pode senão sosobrar no absurdo, no esquematismo mais torto e infundado, no paralogismo quasi grotesco, na banalidade mais primária.

Não seria justo esquecer, porém, a qualidade positiva que o autor se esforçou por salvar do inevitável desastre: a tentativa de actualização tão completa quanto possível das matérias de psicologia ensinadas por decreto. Aí se reconhece um esforço por valorizar o seu trabalho, expondo pontos de vista e concepções que se vulgarizaram na ciência psicológica dos nossos dias; mas esse mesmo naufraga na indole geral do sentimento, e a ignorância do valor formativo da matéria, a superficialidade anónima do estilo disfarçada em objectividade, continuam a envolver o que no livro poderia haver de melhor. Há todas as razões para crer que o autor perdeu tempo com este trabalho; e que os fartos conhecimentos néle expressos se reduzem a amontoado inútil e árido, concorrendo ainda para maior extensão da triste doença do dogmatismo de enchimento que caracteriza o ensino em Portugal.



Quando voltar a Paz

Quando a paz voltar há-de trazer com ela muitas surpresas na técnica da produção dos derivados do petróleo.

De facto, os mil e um processos novos empregados na produção rápida dos combustíveis e lubrificantes para satisfazer as urgentes necessidades da guerra tem originado inesperadas descobertas de outros produtos com propriedades surpreendentes.

Produtos sem interêsse imediato, pois não se podem aplicar na guerra, mas que, quando vier a paz, permitirão à Socony-Vacuum desempenhar ainda melhor a sua missão — que consiste em pôr ao dispôr de V. Ex.ª os melhores produtos da maravilhosa indústria do petróleo.

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

Quem é Mário Silva, o treinador que vai para a Madeira

O cartão de visita reza assim: *Mário Silva, treinador internacional de futebol, discípulo de Ricardo Zamora. Método inglês, húngaro e espanhol. Especializado em ginástica, Atletismo, Box, Natação, Equitação e Basketball!*

É este o homem indicado para seguir para a Madeira no próximo mês, com o encargo de, a expensas da Associação de Futebol do Funchal, treinar os quatro melhores agrupamentos da ilha. Sob o comando por José Travassos há quinze dias — e a sua escolha confirma-se. — Uma verdade, entretanto, é esta: no meio desportivo português, Mário Augusto da Silva Veloso, 33 anos de idade, natural de Lisboa, é praticamente um desconhecido!

Vamos, por isso, explicar melhor de quem se trata. E os leitores avaliarão a tempera deste português, autenticamente dos de antes *quebrar brar que torcer*, espírito predisposto para o trabalho, que não cede a contrariedades, que não desarma, antes fazendo da persistência arrimo.

Mário Silva tem uma flagrante semelhança com um conhecido actor. Não admira. É filho de Nascimento Fernandes!...

A sua história começa a interessar desportivamente, desde os 14 anos; por essa altura jogava já a bola e o seu espírito irrequieto e aventureiro denunciava-se claramente. Em Vila Franca alinou pelo Sporting Clube Vilafrancense, hoje extinto. Passou a seguir para o Belenenses e depois para o Sporting, sem ter, porém, oportunidade de ir à turma de honra.

Mário Silva não estava satisfeito. Os problemas de educação física tentavam-no irresistivelmente. E um belo dia, tinha ele 23 anos, abalou para Sevilha. Inscreveu-se na Escola de Educação Física da capital andaluza e aí obteve o respectivo diploma. Vai depois a Madrid, com pouca demora e quando regressa a Sevilha eclode a guerra civil. O período que se segue é confuso e angustiante. Mário Silva permanece em Espanha e quando o conflito cessa, retorna a sua actividade. Vai para Marrocos, como treinador do «Ceuta», onde permanece um ano. Salta a Melilla. Passa-se para Alicante, onde funda o «Elda» e o leva a jogar 32 partidas de futebol, sem uma derrota, impondo o sistema de preparação de Artur José Pereira, do qual se confessa grande admirador.

De Alicante, Mário Silva viaja para Madrid. Acolhe-se ao Atletic Aviación, estreita a óptima amizade com Ricardo Zamora e sob a orientação deste, acaba de se aperfeiçoar. É oportuno fixar uma frase de Mário Silva.

«Sou o único discípulo de Ricardo Zamora. Por consequência, também, o único por ele recomendado».

Em 1942 vai para o Barcelona, que fizera uma péssima época, no ano antecedente, ficando em último lugar. Mário Silva toma a preparação do grupo e fá-lo ganhar o campeonato de Espanha, sem derrotas. O último jogo, contra o Atlético de Bilbao, emocionantíssimo, deu a vitória aos catalães por 5-4.

Aproveitando umas férias, Mário Silva vai a Palma de Maiorca preparar Benjamim Rodríguez, campeão de «box» do Levante, visto que, segundo a sua própria expressão, «também sou meio «manager» de box».

O Desportivo da Corunha entra em negociações com o treinador português, que em diversas circunstâncias é tomado como espanhol, o que ele sempre contesta calorosamente!... Estava o acordo quase feito, quando as entidades superiores do desporto espanhol proibiram a actividade de jogadores e treinadores estrangeiros. Fechava-se a porta a Mário Silva. Volve a Madrid e é então que Zamora, tão bom camarada como admirador do desporto português, lhe diz que ele tem bases e categoria para treinar em qualquer país.

E, caso curioso, paradoxal e irónico, a um tempo: o célebre «guarda-redes» espanhol passa ao seu colega português uma recomendação para... Portugal!...

Indicação ao F. C. do Porto. Após onze anos de ausência, Mário Silva torna ao seu País, pelo Norte. Há, porém, uma «antecipação» e Mário Silva entra no Académico, fa-



zendo apenas meia-época, despedindo-se, por não se entender com o chefe da secção de futebol. Teve tempo, entretanto, de preparar cuidadosamente o «guarda-redes» Santiago, que num prélio contra Lisboa, recebeu da crítica gerais elogios.

— Santiago, — diz-nos Mário Silva — podia ser hoje o primeiro guardião português.

Do Académico, Mário Silva passou ao Salgueiros, na época que terminou. Os resultados do seu labor são recentes e conhecidos. O Salgueiros, com um grupo incancharístico, transformou-se e conseguiu a proeza inédita de se classificar em 2.º lugar no torneio regional, com uma diferença de 8 pontos sobre o terceiro.

As razões porque deixou o Salgueiros ficam expressas no período que segue:

— A minha opinião, quanto ao campeonato nacional, era de que o grupo dificilmente fugiria ao último lugar. Conhecia as possibilidades dos adversários e o valor real da equipa a meu cargo. Mas houve quem se «embarcasse» com a classificação no regional e pretendesse saltar por cima das minhas funções. Por isso sai, trazendo uma óptima recordação do respeito e boa camaradagem dos jogadores.

— Agora, a caminho da Madeira...

— Sim, segundo creio. Nesse sentido fui abordado por José Travassos. Fiquei satisfeito, tanto mais que tenho a recomendar-me a Direcção Geral dos Desportos e os jornalistas capitão Ribeiro dos Reis e Ricardo Ornelas.

Um sorriso de esperança e confiança:

— Se me ajudarem na Madeira, espero trazer ao Continente dentro de dois anos, um barco carregado de futebolistas, atletas, nadadores, pugilistas, e se possível for, uma classe de «élites», de ginástica!...

— O Mário Silva é eclético!...

— Um pouco, sim. Tenho praticado e estudado todos os desportos. Acredite, estudo muito. Com verdadeira paixão. Olhe, por exemplo, também sou massagista especializado... Enfim, basta de informações, porque, aqui em Portugal, nem é preciso tanto, para se passar por validos e imodestos!... Por isso, resumo assim o «meu caso»: sou quasi um «auto-didata» do desporto!...

— A sua opinião sobre o nosso futebol?

— Joga-se menos que em 1928. Há menos amor à camisola; em contrapartida subiu o interesse material. Exactamente por esta razão, o futebol devia ser hoje, pelo menos, mais técnico.

Qual o clube de Lisboa que na última época fez melhor futebol?

— Nenhum!... Em todo o caso, o mais vivo ainda foi o do Belenenses.

Uma evocação:

— Qual era o grupo que em 1929-30-31, jogava futebol a valer, com personalidade, com sistema único e que vinculou prestígio? O Belenenses, orientado por um português, Artur José Pereira, do qual recebi preciosas lições e cujo sistema fiz vingar na minha estadia em clubes espanhóis. Grande equipa era essa, do Belenenses!...

DESPORTO

Setúbal vai agradecer ao Benfica!...

ESTAMOS a pouco mais de um mês da abertura da época futebolística, e afora as combinações e negociações de jogadores e clubes projectam-se algumas iniciativas para o início da temporada, não só preparatórias para se nos afigura interessantíssima e, que nos lembre, não tem par na história desportiva da nossa terra. Recordemos: quando o Vitória de Setúbal foi castigado por causa dos incidentes da meia-final da «Taça de Portugal», houve, além de muitas individualidades que desasombradamente emitiram a sua opinião sobre os tristes sucessos, um clube que, de pronto, manifestou uma solidariedade sem reservas, colocando-se incondicionalmente ao lado da agremiação setubalense. Esse clube é da capital e chama-se Benfica!...

A atitude dos «rubros» ecoou com fragor na cidade do São. As relações Vitória-Benfica, já amistosas, apertaram-se cada vez mais.

O clube lisboense, com o prestígio e projecção da sua popularidade, levava ao Vitória um estímulo moral de primeira água. Que se não constatsubstancia unicamente em dizer que estava de alma e coração com o seu congénere. O incondicionalmente ganhou expressão nítida no oferecimento discreto do Benfica.

Felizmente, as coisas compuseram-se pelo melhor para a vida do Vitória — seriamente ameaçada nos seus fundamentos — e o auxílio do Benfica não chegou a consumir-se!...

— Mas ficava de pé, bela, nobre, humana, desportiva, a intenção!... Essa intenção, no pensar dos sadinos, corresponde a uma dívida. Não a quererão pagar, talvez, mas pretendem demonstrar o seu reconhecimento. Que já o começaram a fazer, aliás, quando há semanas os ciclo-turistas «encarnados» foram de visita ao Outão. Toda a Imprensa se fez eco das apoteóticas manifestações de simpatia que os setubalenses prodigalizaram aos lisboenses.

Todavia, foi um princípio, uma amostra, uma pílida idéia do que as gentes desportivas de Setúbal tentam levar a efeito para testemunhar ao Benfica que sabem compreender e reconhecer os verdadeiros amigos, os que não desertam nas horas críticas ou, melhor, que nestas é que aparecem espontaneamente a destruir o cómodo sentimento do egoísmo, lema de tantos outros!...

No segundo ou terceiro domingo da nova temporada, o Vitória organiza em Setúbal, no seu campo, o «Dia do Benfica!»

Basta esta indicação para se adivinhar qualquer coisa grandiosa! O clube de Lisboa enviará, nesse dia, à capital do Sado uma embalação numerosa, compreendendo todas as modalidades desportivas, formando uma parada que ficará memorável e que dará ensejo a que os setubalenses possam, em cenário, que antevemos, sem esforço, apoteótico, entregar publicamente ao cavalheresco ritual de tanta pugna, um cartão, stímples, que valha também pela intenção, mas onde o «muito obrigado» atinja um significado profundo, transcendente!...

O «Dia do Benfica», em Setúbal, perdurará como um padrão, não só nas relações entre as duas colectividades como refulgirá também benéficamente em quantos militam na causa.

O Desporto é assim. Tem de ser assim. Amizade, compreensão, desinteresse e, sobretudo, lealdade!...

O Benfica marcou uma atitude. O Vitória vai marcar outra, prolongamento daquela. Bem hajam!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

Seródio dirigirá o Espanha-Croácia

OS leitores recordam-se da entrevista publicada há semanas com o árbitro português Fernando Caballero e Seródio, que chegara de Espanha onde dirigira o prélio de «box» entre as turmas espanhola e checa. Nessa entrevista, Seródio antevira a hipótese de um novo convite, pois o seu trabalho merecera os maiores êncómios, não só de toda a Imprensa, como dos pugilistas e técnicos da «nobre-arte». Tinha razão. A Federação Espanhola acaba de lhe dirigir, de acordo com a congénere croata, um honrosíssimo convite para, na segunda quinzena de Agosto, arbitrar em Santander, o Espanha-Croácia.

Fernando Seródio, como é de calcular, aceitou a incumbência, devendo demorar-se no país vizinho dez dias. Depois de Santander, deve arbitrar em Barcelona um encontro entre as selecções catalã e croata.

...Aqui está um árbitro de «box», de categoria internacional, que os estrangeiros reclamam, mas a quem os organizadores nacionais decidi-



ram não dar confiança...

...Ou — isso é que ainda não averiguámos — talvez se verifique precisamente o contrário!...

Consequências, sem dúvida, dos «técnicos» cá no burgo serem como os cogumelos...

— Pelas suas palavras, concluo que não é apologistas da vinda de técnicos estrangeiros!...

— Exactamente. É preciso proteger os valores nacionais, em todas as modalidades desportivas. Já devíamos ter uma cidadela olímpica, onde os nossos atletas seguissem uma cuidada preparação com vista à futuras grandes competições internacionais. Orientada por técnicos portugueses, que se mandariam especializar ao estrangeiro, enquanto por cá não se fizesse uma escola própria.

— A propósito: concorda com uma escola de treinadores de futebol?

— Concordo. Mas apenas para os novos. Em atenção ao futuro. Não para aprendermos o que já sabemos. Para mim e outros como eu, servirá sobretudo para legalizar e acautelar os nossos interesses. É preciso que nos convencamos de uma vez para sempre, de que em Portugal há bons valores como no estrangeiro, seja em que actividade for, com a enorme vantagem de serem portugueses!... Repare no exemplo de Espanha, atrás citado. E nós, que copiamos tanta coisa só por «snobismo», podíamos perfeitamente afinal, seguir o figurino, que nos assentaria muitíssimo bem!...

A convite da Casa da Imprensa e do Livro, fiz parte do júri dum concurso literário, promovido pela Livraria Latina Editora. Visava esse certame a escolha, entre as obras concorrentes, daquela que, por seus méritos, fôsse digna do prémio de três mil escudos e da publicação do livro. Destinado a contos, género literário que, excepto no concernente à literatura infantil, ainda não tem o beneplácito do grande público português, conseguiu esse concurso, apesar da pouca publicidade feita à sua volta, interessar a um número relativamente avultado de escritores, entre os quais, embora não disponha de provas cabais para o afirmar, por se ocultarem os concorrentes com os pseudónimos impostos pelo regulamento, nem só estreates havia, com certeza. Disso me convenço — e não só a mim, mas também aos meus ilustres colegas na judicatura — a facilidade, a segurança, a destreza de processos empregados na efabulação, a originalidade, o vigor, a frescura de certas narrativas, a arte de bem contar, em suma, flagrantemente manifestava neste e naquele trabalhos que tive de ler e avaliar.

Não era a primeira vez que tomava parte em júris de concursos, porque em vários certames públicos tivera já, não só o gosto, mas também o desgosto (certo concurso, o mais célebre e o mais discutido, de ranchos populares das freguesias citadinas, acarretou-me e aos meus colegas do júri o mais absurdo e espantoso procedimento por parte não dos candidatos preteridos, mas da própria entidade promotora, que, não tendo sido premiado o rancho popular da sua particular simpatia, desautorizou o júri por ela nomeado e organizou um plebiscito público cujo resultado, como não poderia deixar de ser, foi favorável ao grupo aludido), não só o gosto, mas também o desgosto — dizia eu — de exercer funções judicativas. Era, porém, a primeira vez que participava no júri dum concurso literário. Certo, pouco mais de um ano antes, fôra convidado por um organismo oficial para membro do júri dum concurso literário. A minha qualidade de concorrente, porém, levou-me a declinar tão honroso convite, com o que nada lucrei, antes pelo contrário, pois fiquei incluído no número dos concorrentes sem êxito e nem sequer tive o prazer de assistir aos debates daqueles de quem poderia ter sido colega...

Ora, logo da primeira vez que me foi dado envogar a beca do juiz num concurso de escritores, tive o ensejo de verificar que o júri dum concurso literário não está mais isento do que o júri doutra qualquer espécie de concurso de sofrer o subreptício, o discreto, o subtil assalto dêste ou daquele «padrinho» dêste ou daquele concorrente. Não sei, nem pretendo saber, se o mesmo aconteceu aos outros dois juizes, os meus camaradas Aurora Jardim e Heitor Campos Monteiro. É de presumir, porém, que, senão por parte do *Chevalier servant* do mesmo concorrente, houvessem sido, por parte de qualquer ou quaisquer amigos e admiradores de qualquer ou quaisquer dos outros concorrentes, objecto de semelhante pressão no mesmo sentido. Escuso de acrescentar que a manobra não surtiu efeito e que o «padrinho» em questão — que, é mister confessá-lo, se

CONCURSOS LITERÁRIOS

POR HUGO ROCHA

interessava por uma das obras mais dignas da atenção e da admiração do júri, tanto assim que foi distinguido com «menção honrosa» — não se foi embora sem ouvir, pelo menos, uma lição de moral, extensiva ao seu «afilhado». E este facto, sucintamente narrado (abstenho-me de escarpachar aqui os nomes, para os poupar ao opróbio), que me sugere, principalmente, estas reflexões.

Tenho-me como adepto dos concursos destinados a escolher e premiar obras de literatura, como quaisquer outras. Não o afirmo — note-se bem — por ter sido feliz nalguns certames literários a que concorri. Afirmo-o porque reconheço a utilidade dessas pequenas batalhas literárias — que nem sempre são «de rosas»... — que aos vencedores dão a compensação, mais moral do que material, do esforço dispendido na factura dum livro, dum reportagem, dum peça de teatro, dum artigo de jornal, dum poema e o necessário estímulo para prosseguir na carreira das letras e aos vencidos dão, com o humano desejo da desforra, não o desânimo, mas a esperança de um dia, triunfar, também. O que não aconteceu ontem poderá acontecer amanhã... Partidário convicto e entusiástico dos concursos, entendo, contudo, que, na sua organização e no seu

funcionamento, eles devem oferecer ao concorrente a garantia máxima de honestidade, da isenção, da correcção, da lisura, da imparcialidade nas decisões. Ora tudo isto depende, principalmente, dos membros do júri, embora dependa, também, da entidade promotora.

A constituição dum júri deve obedecer a especiais cuidados e rigores. Se se trata de escritores que têm de julgar escritores, é indispensável que a idoneidade moral e intelectual dos primeiros seja perfeita, para que, *oficiais do mesmo officio*, não se deixem levar pela tentação de pôr de banda obras de reconhecido e manifesto mérito, só porque os autores não lhes merecem simpatia ou, pelo menos, boa-vontade. Num meio literário — e quem diz literário diz, concomitantemente, artístico, jornalístico, científico, *et cetera* — tão acanhado como o português, é necessário contar com a inveja, o despeito, a malevolência, a detracção e, ao mesmo tempo, com o compadrio, a empenhoca, a «panelinha», factores perniciosos contra que julgadores e julgados, quando probos, precisam de estar em guarda. Se é difícil organizar o júri dum concurso literário (só esta espécie de concursos, por agora, me solicita a atenção) em que os concorrentes, como no concurso em que participei como juiz, se apresentam

com divisas ou pseudónimos, pois, nem assim o júri está imunizado contra a tentativa, gorada quando os juizes são dignos e rectos, de subórno ou insinuação, muito mais difícil é organizar o júri dum concurso literário em que os concorrentes se apresentam com os seus próprios nomes e com as suas obras editadas e, portanto, já mais ou menos conhecidas do público e da critica.

Todo o escrúpulo é pouco na função de julgar. Assim, os julgadores que deferem empenhos e favorecem pretensões dos julgados são tão venais, tão criminosos, tão execráveis como os julgados que pedincham ou quem pedincha por eles. Entendo, por exemplo, que na constituição do júri dum concurso literário não deve ser considerada, apenas, a conveniência de figurarem pessoas de letras. Ao lado dum escritor, deve estar um crítico, mas, junto de ambos, deve figurar um simples leitor, membro, afinal, do público anónimo, cuja opinião não é, de modo algum, para desprezar. Na composição do júri dum concurso jornalístico entendo que não devem entrar directores de jornais, sejam ou não sejam estes jornalistas, porque pode dar-se o caso (foi o que se deu num recente concurso oficial) de haver concorrentes que estejam ligados por laços de hierarquia, camaradagem e estima, apartados pelo quotidiano contacto profissional, aos seus julgadores — que, naturalmente, *instintivamente*, lhes darão a preferência.

Quem se apresenta como concorrente num concurso precisa de confiar na justiça que lhe vai ser feita. A «cunha», por um lado, e o favoritismo, por outro, são incompatíveis com a tranqüillidade que um concorrente precisa de manter até ao instante decisivo do julgamento. Importa que o concorrente, uma vez apresentada a sua candidatura, se esqueça de que vai ser julgado — e só volte a lembrar-se disso... quando tomar conhecimento do veredicto. (É o sistema que, pessoalmente, tenho adoptado, embora — tem-mo ensinado a experiência, directa e indirecta — nem sempre tenha tido razão para confiar...). Mas outras circunstâncias independentes da constituição do júri constituem óbice de monta, por vezes, à confiança do concorrente. Não é das menos consideráveis, por exemplo, em concursos oficiais, a preferência dada, em certos casos, a trabalhos de livro ou de jornal com assinalado aspecto político, em detrimento daqueles que se limitaram, pela boa-fé ou pelo desconhecimento dos seus autores, a reverter mero aspecto literário. No concernente ao religioso, acontece mais ou menos o mesmo. Alguém me dizia, há tempo, citando exemplos, embora exagerados, que concurso em que entrasse um padre era concurso ganho, infalivelmente, por esse padre, houvesse ou não motivo para tanto.

Levar-me-iam longe estas considerações. Tenho de pôr-lhes termo, prometendo reverter a elas, se preciso for. Antes, porém, não quero deixar de acentuar bem que um concurso, oficial ou particular, implica um escrúpulo sem limites por parte de quantos nele intervêm. Que todos — promotores, júris, concorrentes — o compreendam bem, para que o número dos protestantes e dos descontentes se restrinja aqúelles que não sabem perder com dignidade e calma, nem conformar-se com as vitórias alheias, por mais justas e merecidas que sejam.

ROSAS DE TOUCAR...

Rosas de tocar... Quem não gostará de aspirar o perfume duma destas flores? Maio passou — e, com elle, o tempo das rosas mais frescas e puras e formosas. Junho, porém, continua, até certo ponto, o encanto do mês floral por excelência.

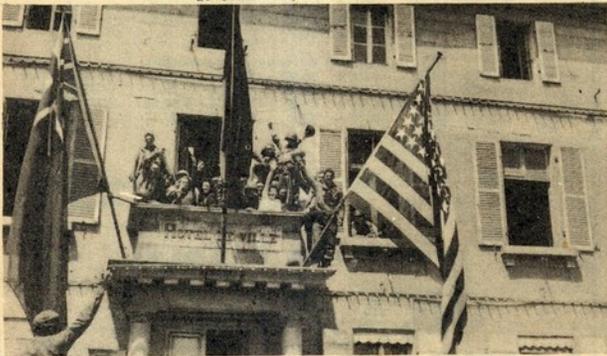
A beira de estradas e caminhos, sob o dossel de verdura dos caramanchões e miradouros do Norte, as rosas de tocar, sôltas ou em corimbos, dizem-se iam esperar que lindas mãos românticas as colham para, com elas, tocarem sedosos cabelos e colos esbeltos de mulher. Nada mais efémero, porém, do que uma dessas flores... Foi, talvez, a aspirar o perfume duma rosa de tocar que o famoso Mulherbe se inspirou para compôr o soneto que havia de immortalizá-lo. Que teria elle feito, poeticamente falando, se visse... o que o leitor está a ver? Não um soneto só, mas, pelo menos, uma dúzia dêles...



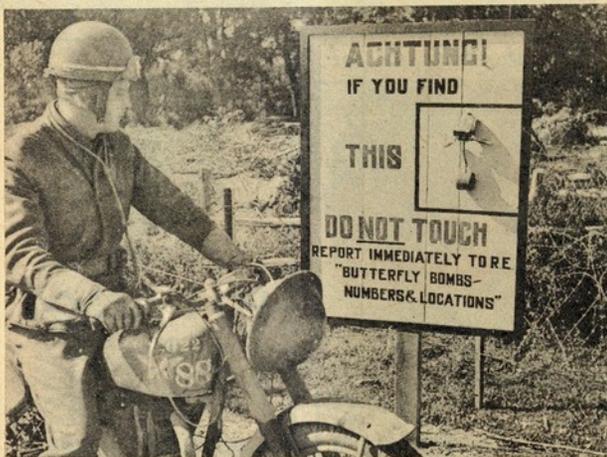
NOTAS DE GUERRA



A ridente Normandia, que pouco a pouco vai sendo liberta e reentregue à França, está coberta de ruínas: eis uma trágica visão do que resta de Saint-Lô, a cidade que os Aliados há pouco libertaram, donde partem as principais vias de comunicação de Cotentin.



A bandeira tricolor da França, quando Cherburgo foi liberta, voltou a flutuar sobre a porta do edifício municipal. Agora, porém, está entre outros dois símbolos de libertação: a bandeira inglesa e a bandeira americana — enquanto, em baixo, o povo de Cherburgo aclamava as tropas vitoriosas.



Nas margens dos caminhos, em França e em Inglaterra, os exércitos aliados mandaram colocar destes letreiros, acompanhados, cada um, de um residuo de bomba voadora. Neles se convida a população civil e militar a comunicar, imediatamente, que foi encontrada esta prova de ataque. O lugar, o número de exemplares encontrados, tudo deve ser escrupulosamente informado.



Raczkiwicz, Presidente da República Polaca, no exílio, em Inglaterra, vê-se, nesta foto, ao lado de «sir» David Ross, vice-chanceler da Universidade de Oxford, após a cerimónia de doutoramento, «honoris causa», do mais alto representante da Polónia.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



MARECHAL DOUGLAS — William Sholto Douglas é o nome do marechal que sucedeu ao marechal Tedder, no comando das forças aéreas estacionadas no Médio Oriente. Quando Churchill foi ao Cairo para conferenciar com Roosevelt e outros elementos da política mundial, o marechal Douglas teve com o Primeiro Ministro britânico uma entrevista que, de algum modo, foi o ponto de partida para o seu regresso à Europa. De facto, pouco depois Sholto Douglas e o marechal «sir» Leigh-Mallory, davam-se as mãos e alternavam-se em Inglaterra na direcção do Comando Costeiro, chestando, simultaneamente, as forças britânicas e americanas, incumbidas de formar o «tecto aéreo» de protecção às forças de desembarque na Europa. Foi, pois, sob a sua orientação que os bombardeiros aliados martelaram a costa francesa, tornando muito vez nula a acção das forças que levantavam, dia a dia, a «muralla do Atlântico». E no Atlântico também o Comando Costeiro ganhou uma das grandes batalhas da Inglaterra: as patrulhas, constituídas por grandes aparelhos de transporte de bombas, tiveram acção decisiva na limpeza de inimigos no mar.

(Caricatura de SANTANA)

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET
LITOGRAFIA



BERTRAND
(IRMÃOS) L.
FOTOGRAVURA
E OFFSET

*Fornecedores
do Estado
Português*

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
P. B. X. 2 1 3 6 8 - 2 1 2 2 7



**EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75	
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56	
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS 19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9			
20,45							
			(Mela hora de programa especial)				
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	25,3	WGEX 25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX 25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ 30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77	

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSIONES DIARIAS

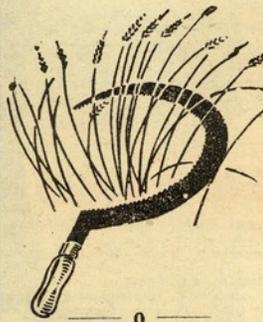
**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

**UM BOM
funcionamento**
**DO
COURO CABELUDO
depende do
PETRÓLEO
PIVER**

O petróleo, hidro-carboneto saturado, sob a forma de óleo mineral, é um dos melhores agentes que se conhece para a saúde do cabelo.

Justificam-no as exuberantes e belas cabeleiras dos trabalhadores dos seus jazigos. O **PETRÓLEO «PIVER»**, aproveitando tudo quanto de útil oferece o petróleo em rama, combinou com outros produtos que multiplicam, consideravelmente, o seu poder como tónico capilar, tornando-o, assim, num poderoso auxiliar para conservar e fortalecer o cabelo.

L.T. PIVER



CASULO Limpa-Fatos

é a foice roçadora de todas as nódoas da roupa, pois **NÃO HÁ NÓDOA QUE ELE NÃO ELIMINE.**

E não só as nódoas, como o **LUSTRO** e o **MAU CHEIRO**, tornando **OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURÁVEIS.**

Só custa 2\$50

Em todas as dro-
garias
Revenda:
**SCHROETER
& ALMEIDA**
Rua da Madalena,
128, 2.º — LISBOA



Cabelos cheios de sol



«Lavolan-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10\$00, 15\$00 e 25\$00. À venda nos melhores estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.º D.º — Telefone 4 3582.



**PÓ D'ARROZ
"MONTEGIL"**

UMA QUALIDADE SUPERIOR,
ALIADA ÀS MAIS MODERNAS
E LINDAS CÓRES

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS



LEIA TODOS OS SÁBADOS
VIDA MUNDIAL

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

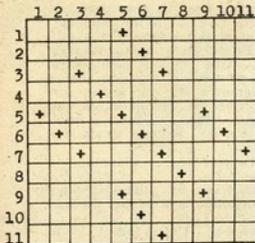
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 39

Por: Jorge Pessoa Pereira
(Lisboa)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Grande ilha da Oceania na Malaia, uma das principais do arquipélago da Sonda; quantia que se paga em cada mês. 2 — Grânulos calcários da urina; curar. 3 — Realiza; senhor; leite. 4 — Aqui está; equiparam. 5 — Estréla; gritos de alegria; igreja arquiépiscopal. 6 — Governador de algumas províncias muçulmanas; ligo. 7 — Vácuo; corre; som repetido. 8 — Exame de tropas em formatura; sopé. 9 — Procedia; além; decifra (inv.). 10 — Tábua delgada; desejava. 11 — Aquilo que se dá aos pobres para os beneficiar; escudeiros.

VERTICAIS: 1 — Pedra dura, que riscava o vidro e que é um silicato de alumina e de cal; âmbar amarelo. 2 — Lavrais; sulco feito pelo arado. 3 — Contempia; debaixo de; examinavam. 4 — Criada particular; que denota pouco siso. 5 — Gosta muito de; jornadas; outra coisa (pron. antiq.). 6 — Além disso; rochedo (bras.). 7 — Estás; dá mios; fileira. 8 — Tiraste à força; ferro magnético. 9 — Sulcar (a terra); escavada; grito de dor. 10 — Actrizes; onero com dividas. 11 — Fios de latão; levantas.

PROBLEMA N.º 38

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Café; capilar. 2 — Amola; ralado. 3 — Mil; riria. 4 — Adlavam; as. 5 — Doa; abata. 6 — As; fretada. 7 — Oráculo; te. 8 — Ilota; aos. 9 — In; sarlissa. 10 — Remis; mar. 11 — Alados; coada. 12 — Salames; usos.

VERTICAIS: 1 — Camadas; iras. 2 — Amidos; anela. 3 — Folha; mal. 4 — El; frígida. 5 — Varal; som. 6 — Mabeos; sé. 7 — Ar; matutar. 8 — Par; talar. 9 — Ilbado; ou. 10 — Lar; asmas. 11 — Adias; tossado. 12 — Roas; peşaras.

Nota — No próximo mês de Outubro iniciaremos um Concurso de Palavras Cruzadas, com prémios.

Os nossos confrades cruzadistas que antes de iniciarmos o referido torneio já sejam nossos colaboradores, terão direito, além dos prémios em geral, de um outro, a disputar somente entre si.

DAMAS

(Secção espanhola)

«La Provincias — Las Palmas
Espanha

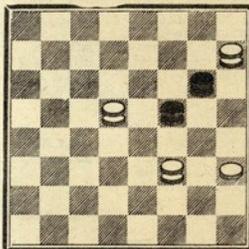
Orientador: Dr. Carlos R. Lafora
Telde — G. Canária — Espanha

1.º CONCURSO INTERNACIONAL
DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»
Composição n.º 7 (Problema)

Lema: «Bon ami»

«La Provincias», 2-8-944 — Las Palmas
Espanha

Pretas: 2 «damas».

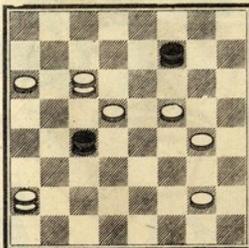


Branças: 3 «damas» e 1 «pedra».
As brancas jogam 9-13 e dão mate
num máximo de 8 jogadas.

PROBLEMA N.º 1 (Inédito)

Pelo Dr. Carlos R. Lafora
Telde — G. Canária — Espanha
(Dedicado ao exímio publicista português Ex.º Sr. Augusto Teixeira
Marques, com todo o afecto)

Pretas: 2 «damas».



Branças: 2 «damas» e 5 «pedras».
As brancas jogam e dão mate com
4 jogadas.

Atenção — É preciso demonstrar a
legalidade da posição.
Este problema não faz parte do
Concurso.

NOVAS IDEIAS SOBRE O

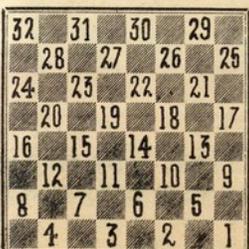
PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos R. Lafora

Telde — Canárias — Espanha

O dr. Carlos R. Lafora, distinto
médico espanhol e grande técnico
«damista», publicou uma série de
artigos sobre este tema no periódico
de Las Palmas «La Provincias», e
recebemos autorização do dito autor
para traduzir-lhos, mas com uma nova
ordenação dos ditos artigos que o
autor fez, especialmente, para «Vida
Mundial Ilustrada».

Numeração das casas



I O NOSSO PROPÓSITO

Encarregados gentilmente pela direcção de dirigir uma secção sobre jogo de «damas», damos hoje comêço a ela, saudando os aficionados deste nobre jogo, irmão menor do xadrez, que tão necessitado está que se propague e se estude a sua teoria. É nosso propósito ir publicando problemas, finais artísticos e partidas comentadas, assim como finais destas (ou estudadas), procurando assim a difusão deste jogo e seu estudo teórico, tão difícil e tão bonito. Também pensamos celebrar um concurso de problemas.

Começamos hoje dando a numeração do tabuleiro para que os que a não conheçam aprendam a ler uma partida ou uma análise. As jogadas indicam-se pondo em primeiro lugar o número da casa onde está a peça que se move e a continuação na casa onde vai parar. Por exemplo: 10-13 indica que uma «pedra» ou «dama» que está na casa 10 passa à casa 13. Quando uma peça toma uma ou várias «pedras» faz-se o mesmo, primeiro a casa de saída, depois a de chegada, acrescentando (quando haja dúvidas), tantos ++ quantas peças se tomem.

Agradeceremos aos aficionados deste jogo o envio dos problemas originais que queiram publicar.

II

COLOCAÇÃO DAS PEÇAS

No nosso artigo anterior relatávamos a numeração do tabuleiro e punhamos os números nas casas brancas, colocando o tabuleiro da mesma maneira que no xadrez; com a casa branca à direita. Isto motivou algumas perguntas dos aficionados sobre a colocação do tabuleiro e a das peças. A todos vamos contestar. O tabuleiro coloca-se com a casa branca à direita e deve-se jogar pela casa brancas; porém, em cada nação e em cada região se joga dum modo, e em Espanha e Portugal se joga em muitos sítios sobre as pretas; no entanto, sempre com a linha principal à direita. Isto é o fundamental. É o mesmo jogar sobre as brancas ou sobre as pretas desde que a linha principal esteja à direita. Aqui em Canárias joga-se sobre as pretas. Nós daremos nossos diagramas, problemas e finais sobre as brancas como o dr. Cárceles Salater no seu livro e nos outros livros que conhecemos. Deviam convencer-se os aficionados

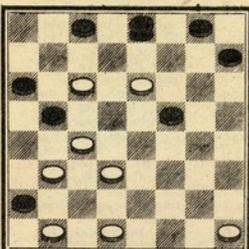
(Continua no próximo número)

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 45 (Concurso)

Por Bonifílio Augusto Gomes

(Vila Viçosa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 64

Solução

18-22 — 5-9;
27-18 — 19-29;
9-27-16-30-10-19-8
P. g.

A natureza do Ventura



— Tenha paciência, meu caro Ventura, mas esta natureza morta de batatas com bacalbau é um dinheirão!



— Um dinheirão?... Engana-se V. Ex.ª!... O preço do meu quadro é inferior ao que destes artigos no mercado...

O CINZEIRO

(Continuação da pág. 24)

forme de capitão-aviador, com a manga esquerda do casaco a bambolear, observa, com interesse, determinado objecto.

O empregado estendeu ao homem o objecto que lhe pedira. Este, após minucioso exame, balbucia, em comêço incoherente: «Gosto disto, mas não é bem igual ao meu que, infelizmente, se me quebrou...»

— Será precisamente igual! — disse uma voz feminina, saída do canto, imerso na penumbra. A pequena avançou. Pegou no cinzeiro e escreveu nele: «De Chinp'Inmei a Ronny — 4-4-1938». E, voltando-se para o homem com três asas no peito:

— Não era isto o que faltava? Ronny não acreditava em milagres. Estreitou a pequena «Amela do Vaso de Ouro» com o seu braço são. Conversaram, em minutos, mil e uma coisas. Chinp'Inmei havia-se empregado na loja de antiguidades e colocado, na mostra, um cinzeiro igual ao que oferecera ao seu ome-amado, doidinho coleccionador de antiguidades.

O jovem capitão-aviador, passados os primeiros momentos de efusão sentimental, disse qualquer coisa ao ouvido de Chinp'Inmei. Esta, sorridente, retirou-lhe o chapéu da mão, deitou nele a ponta do cigarro aceso e lançou-o fora. Atirou-se ao pescoço de Ronny e quasi que gritou:

— Agora sim! Yu shi wu ming — a realidade sem o nome!

O CINZEIRO

Um conto de RUY DE SEQUEIRA NAZARÉ

Ilustração de RUDY

FOI num cinema que ambos se conheceram. E em que circunstâncias! Mal havia terminado o intervalo, o rapaz regressou ao seu assento, e, distraidamente, lançou a ponta do cigarro para o lado.

Concentrou-se na continuação do filme, próximo da Academia Americana. Decorridos minutos, elevou-se no ar um estranho cheiro a objecto queimado. A infeliz dama do lado acabava de constatar que o seu chapéuzinho de veludo encarnado lhe ardia em cheio regaço. Não barafustou. Nem sequer indagou a causa do precalço. Ergueu-se e safu, calmamente, chapéu na mão, amarratado, e dominado o «incêndio», não sem haver chamuscado as delicadas mãosinhas, os nervosos dedos, as polidas unhas.

Porém, o fumador incauto sentiu remorsos. Não se contendo, abandonou a sala, e correu atrás da dama, desfazendo-se em desculpas. Ela continuou a andar. Ele insistia em que o ouvisse.

— Está muito certo que o cavalheiro tenha sido descuidado e me queimasse o chapéu. O que não está certo é se ele me persiga em plena rua para se desculpar do que já não tem remédio.

Falava com sotaque estrangeiro. Isto emprestava às palavras um encanto musical. Ronny sentiu-se definitivamente enamorado por aquela voz. Desde criança deixárase influenciar pelo timbre das falas. Talvez o facto de ter-se separado, cedo, da mãe, e nunca mais haver escutado uma voz tão melodiosa como a sua.

Após contínua insistência, mudou de tática.

— Não torne a usar chapéu. Deixe essa cobertura para os calvos. Que diria você, se amanhã, fôssemos à praia e não conseguíssemos observar as ondas do mar?

Esta imagem não a comoveu. Saitou ligeira para um carro.

Não reparou, porém, em dois pormenores a que, mais tarde, o destino daría definitiva forma e cor: primeiro, o de o rapaz lhe ter introduzido na algibeira do casaco o cartão de visita; segundo, o de ele a ter seguido até casa, noutro carro.

* * *

Dois dias depois. Entre milhares de encomendas postais, duas hávia de especial interesse para esta história. Uma era um chapéu de senhora, de veludo encarnado. Outra, cuidadosamente acondicionada, recebeu-a Ronny — era um cinzeiro de porcelana que imitava uma bandeira inglesa. Acompanhava-a um cartão, onde, em cursiva letra feminina, se lia: — «Para o cavalheiro de não esquecer de levar este objecto sempre que for ao cinema; além de ser o símbolo da liberdade da sua pátria, terá a utilidade de lhe fazer recordar que a liberdade não é tamanha que o permita estragar os chapéus às senhoras».

Ronny leu e releu estas linhas. Aparentou-se dele um imperativo desejo de falar à sua autora com urgência. Porque daí a quinze dias...

Deu tratos à cabeça para escrever à bem-amada. Queria ser romântico, apaixonado, na declaração de amor. Sentou-se à secretária. Pegou na pena. Levantou-se. Abriu a janela. Tornou a sentar-se. Tinha de transmitir ao aparato que lhe ia na alma. E, sem querer começou a escrever uma coisa muito diferente de uma declaração:

«Todos nós temos duas penas,
Uma que se pega ao coração
Outra que pegamos com a mão.
Se me perguntarem qual das duas pesa mais,
Sem hesitar, responderei:
Que seria da vida
Com uma pena no coração
Se nos tirassem a pena da mão?».

E mais divagaría Ronny se, naquele momento não lhe batessem à porta. Um moço entregou-lhe um embrulho e esta mensagem: «Fique com o chapéu e dê-me a sua companhia. Amanhã é maré cheia. Quere ir ver comigo as ondas do mar? — Da melindrada CHINP'INMEL.

* * *

Foi exactamente assim que as coisas se passaram, naquela semana de Páscoa, entre

Ronny, sargento-aviador, e Chinp'inmel (Ameixa do Vaso de Ouro), jóvém universitária de vinte anos, orgulhosa da sua ascendência milenária chinesa pelo ramo materno.

Ambos redobram o seu amor pela vida. Em passeios, em contemplanções mútuas, galhofaram e falaram do futuro. As asas do pensamento voavam a par, transpondo abismos e montanhas, em que se adivinhavam, próximos, charcos de sangue a escorrer das velas dos homens.

Dos dois era ele o mais impetuoso. — «Honey» — era como lhe chamava — faltam apenas dois dias para terminar a minha licença. Vou ficar sem ti não sei por quanto tempo... Mas sinto-me orgulhoso por ir defender o teu país. Diz-me se não tens a certeza do meu amor?

O olhar de Chinp'inmel rebrilhou de melicose e orgulho. Graciosamente meneou a cabeça.

— Como posso responder à tua pergunta? Conhecemo-nos há dias... Nós, os chineses, procuramos o perfeito conhecimento da diferença que existe entre *yu shi w ming* (a realidade sem o nome) e *yu ming wu shi* (o nome sem a realidade). Dá-me tempo... Não te zangues. Quero-te muito.

* * *

A guerra alastrou. Os cabeçalhos dos periódicos chamavam-lhe a Segunda Grande Guerra mundial.

Chinp'inmel sentiu-se triste. O seu mal era o *kwet-yüan*, aquilo que exprime a solidão e a saudade da namorada, longe do seu bem-amado. Os homens pareciam ter enlouquecido. Queriam a paz... mas nu meravam as guerras!

Quando a pequena lia os comunicados das frentes de batalha, esperava com angústia, deparar de um momento para outro, com o nome de Ronny incluído no número das vítimas. Não ignorava que o prémio da morte de um «ás» de aviação — e que «ás» ele não era! — é o seu nome, laureado pela imprensa em letra gorda. «250 mortos — 1.000 feridos — 300 desaparecidos» — estas cifras lia-as ela com adquirida indiferença, à medida que o tempo corria. Ronny era «um» entre muitos e, se caísse, os jornais falariam dele em especial. Com uma fotografia. Cabêlo ondulado. Sorridente. E com aquela cicatriz na testa que lhe dava ares gaíto.

Quando se espera, durante muito tempo, por um facto que não chega a realizar-se, ou se o esquece definitivamente ou se pensa que já mais se realiza mais.

Chinp'inmel re-

nimou-se. Não, não perderia Ronny na guerra.

* * *

Só após quinze meses «Ameixa do Vaso de Ouro» recebeu notícias de Ronny. Teve quatro cartas cheias de ternura e, em comunicado de honra, todos os jornais falaram dele.

A pequena exultou de alegria. Bateu as palmas. Chorou.

Nessa mesma noite, Chinp'inmel endereçou ao tenente-aviador Ronny, voluntário das Forças Expedicionárias na China Livre, algumas linhas:

«Mais do que os milhares de beijos que me enviaste, alegrou-me a notícia dos dez aviões por ti abatidos num só dia. O teu acto é o fruto do trabalho sobrehumano de milhões de compatriotas meus. Não penses só em mim. Lembra-te dos nossos povos e de todos que com eles sofrem. Continua, meu herói! Cá te espero».

As amigas admiravam-se da fidelidade de Chinp'inmel. Sabiam que o major Spencer, rico e reputado, por mais de uma vez a quisera para esposa. Procuraram dissuadi-la da afeição por Ronny. Que este a esqueceria, que a trocaria pela primeira moça que encontrasse nos ócios efêmeros do seu árduo serviço. Disseram-lhe que os combatentes, no campo de batalha, não eram exigentes e qualquer mulher lhes servia. Ronny devia ter alguma pequena!

A todas, indistintamente, a «Ameixa do Vaso de Ouro» respondia:

— Já vivam alguma vez um homem poder suste-se de pé, calçando sapatos de medida diferente?

As amigas calavam-se. Chinp'inmel vivia um grande amor.

* * *

Diante de uma montra duma casa de antiguidades, um indivíduo envergando o uni-

(Continua na pag. 23)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Trav. Condessa do Rio, 27